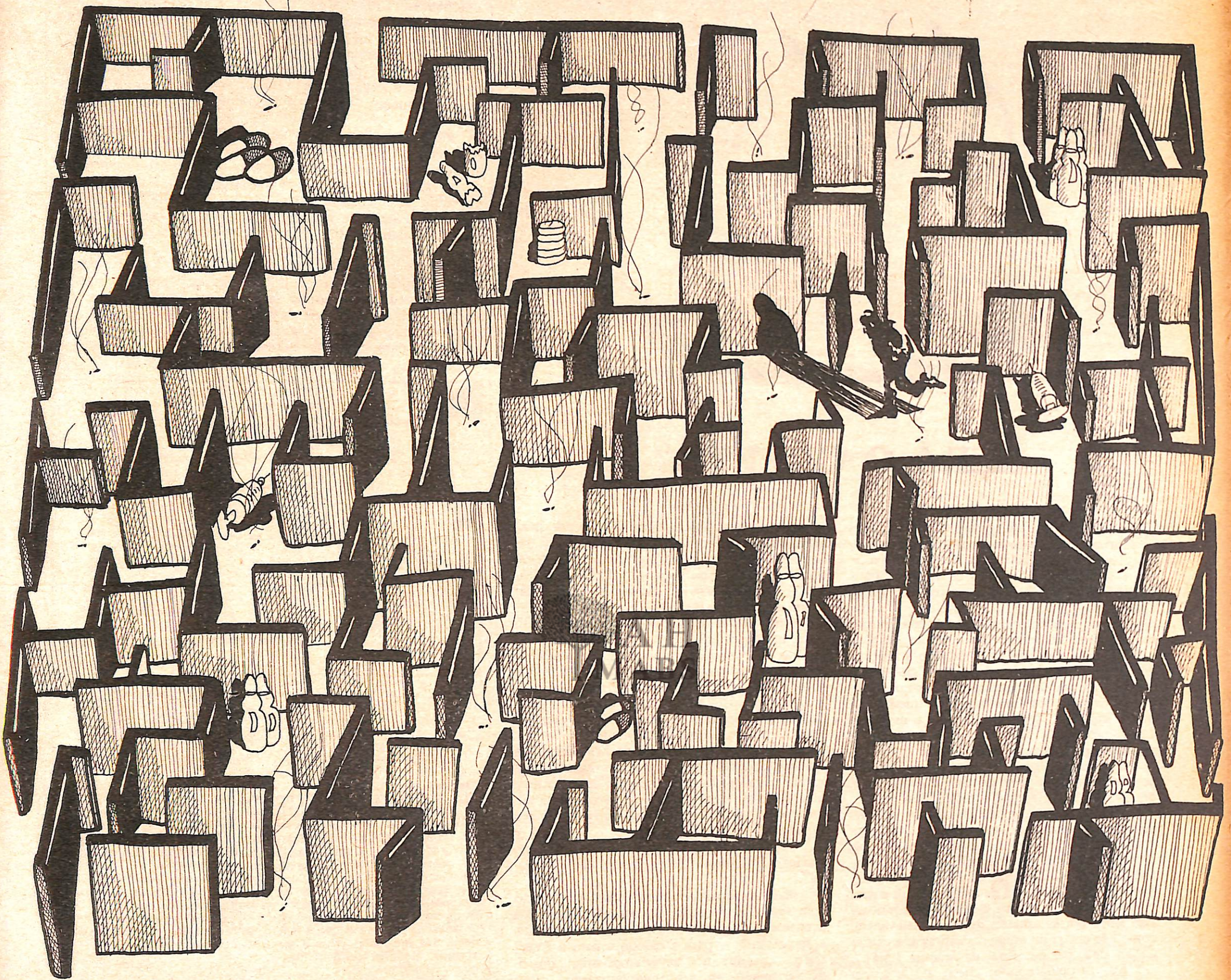


JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 13 A 19 DE DEZEMBRO DE 1976 — ANO II — N.º 77 — Cr\$ 2,00



A NOVA LEI ANTI-TÓXICOS. A QUEM INTERESSAR POSSA.

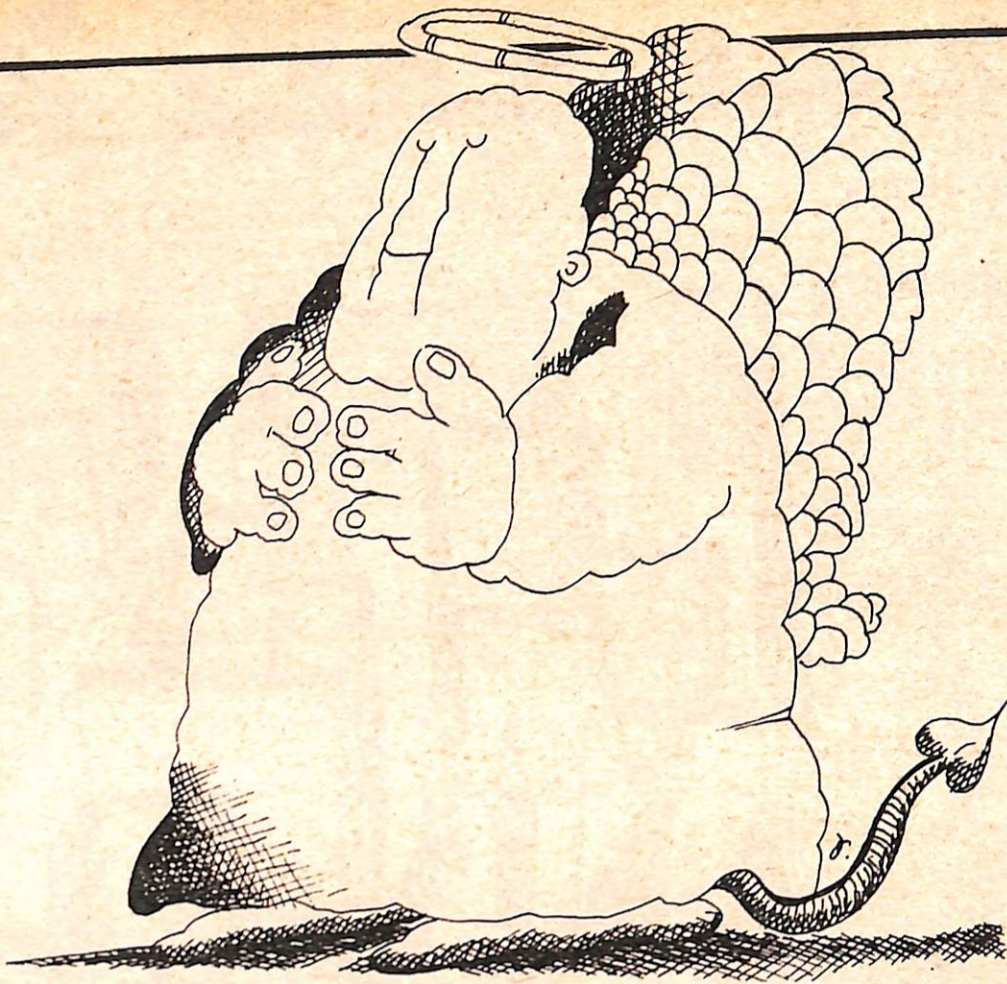
(Páginas 8 e 9)

Walt Disney
continua
muito vivo.

(Página 12)

Os amigos
vivos do
sr. prefeito.

(Página 5)



SERÁ O CAPETA?

Faz um bocadinho de tempo, escrevi um artigo satirizando um movimento, a meu ver pseudo-religioso, que andava fanatizando os neófitos e fazendo deles anjos-vivos de uma "bondade" neurótica, elitista e, acima de tudo, chata.

Como é óbvio em qualquer sátira, exagerei nas cores do personagem-símbolo, embora os fatos que serviram de inspiração à crônica houvessem realmente acontecido. Esses exageros me valeram algumas inimizades que, pela incompreensão dos inimigos, faço questão de prezar até hoje, embora cheguem a me criar alguns problemas. Mas, tudo bem, como diria minha amiga Luchana.

Outro dia, depois de tanto tempo do artigo mencionado, fiquei sabendo de uma nova onde de fé sobre a qual é difícil ficar calado.

Trata-se de um grupo de novos "anjos", desta vez dispostos a uma ascese muito especial, mais doentia do que a anterior. São pessoas decididas a tomar atitudes anti-naturais (o que não significa sobrenatural, nem transcendental), que chegam ao absurdo de levarem casais a dormirem separados, já que o sexo é pecaminoso. Isso entre outras asneiras de menor relevância, como não cuidar da saúde para abreviar a chegada ao Céu, destino final da criatura "pura".

Eu, particularmente, chego até a torcer para que esse destino se cumpra o mais brevemente possível: bem feito pra eles.

Lamento apenas o fato do "movimento" estar solto por aí, livremente e, o que é pior, sob as bênçãos de autoridades religiosas, patrocinado mesmo por entidades que congregam jovens casais.

Isso sim me enfurece. Especialmente porque essas mesmas entidades, de mãos dadas com certas autoridades e com outros organismos "moralizadores", caem de pau em cima da juventude que adota normas "ilegais" de comportamento, seja em hábitos de vida social, seja em outros hábitos.

Há milênios, quando eu era estudante universitário, um professor de psicologia, dr. Enzo Azzi, falando sobre perversões do comportamento (para ele, perversão era tudo quan-

to fugia ao conceito de normalidade psíquica) afirmava que existe uma linha muito tênue separando o anjo do neurótico. O dr. Azzi era católico e seguidor da linha de psicologia educacional de Jean Piaget — portanto, um cidadão acima de qualquer suspeita.

Acho que a afirmativa do professor aplica-se, muito justamente, no caso dos novos anjos que sobrevoam a cidade: são um bando de neuróticos, adotando normas anti-naturais de comportamento que ainda mais os neurotizarão. E não existe receita mais eficiente para a fanatização do que a neurose de grupo (aí está a TFP que não me deixa mentir).

A pessoa que me falou da brincadeira de mau-gosto desses pobres doentes estava seriamente preocupada com o perigo de um movimento dessa natureza acabar arregimentando gente boa, gente ingênua que merecia melhor sorte.

Faço minhas as palavras do filósofo-amigo Vazinho D'Angieri: "Pé de laranja não dá goiaba".

Mas, de qualquer modo, fico aborrecido com esse tipo de ação, exatamente porque ela acontece numa época, a meu ver, histórica e importante — para a cidade e para o Brasil todo — quando nós deveríamos estar pensando seriamente em nos conscientizarmos sobre coisas maiores e mais prioritárias do que os nossos feixes de deformações pessoais.

Essa nova "seita" representa mais uma opção para a alienação sádico-narcisista que, infelizmente, é um dos componentes da "índole passiva" que os corvos do anti-brasileirismo tanto fazem questão de mencionar, sempre que falam da gente brasileira.

E é por entendê-lo assim, como um movimento anti-social e historicamente negativo, que estou botando a boca no trombone — apesar do conselho dos experts: "Deixa isso pra lá, agora é hora de somar".

Quanto aos novos inimigos que este artigo vai me garantir, paciência: "não se faz omelete sem se quebrar ovo", como diria minha avó".

Erazé Martinho

LEIA E ASSINE O JORNAL DE 2ª

disque: 434-8648

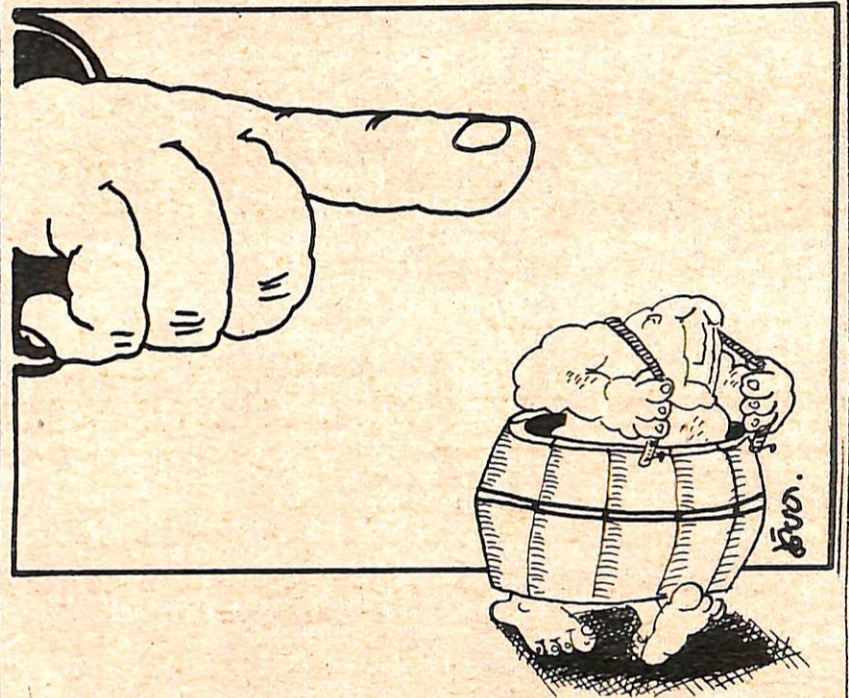
Além da cassação e do perigo de ser condenado pela Justiça comum pelo uso irregular de sua verba de representação, o ex-deputado Leonel Júlio terá mais um castigo a suportar durante um bom tempo: sua figura está definitivamente incorporada ao folclore político e ao anedotário nacional.

No dia em que o Tribunal de Contas julgou o caso, o jornal paulista Última Hora saiu com esta manchete: "Leonel, devolva as calcinhas". Na página interna em que a matéria sobre o assunto foi publicada, este título: "Hoje é o dia de Leonel mostrar as calcinhas".

O Jornal de Brasília publicou há alguns dias, uma charge em que duas senhoras conversavam sobre seus sutiãs. Perguntava a primeira: "O meu é De Millus. E o seu?" Resposta: "De Júlio".

No próprio julgamento de Leonel no Tribunal de Contas, o clima de tensão e expectativa não tirou o senso de humor do conselheiro Orlando Zancaner. Ao justificar seu voto pela condenação do ex-presidente da Assembléia, Zancaner disse que seria perfeitamente normal e ética a compra de roupas de gala com a verba de representação. Mas nunca a compra de cuecas, calcinhas, sutiãs e lingerie em geral. E concluiu: "Ao que eu saiba, não existe cueca de gala".

Só que a coisa não ficou apenas em manchetes, charges, piadas e tiradas irônicas. Pois poucos dias depois da cassação chegava à redação do Jornal da Tarde, em São Paulo, um envelope destinado à coluna de cartas dos leitores. Aberto, não continha carta alguma. Apenas uma calcinha com um nome gravado na parte da frente: Leonel.



Além disso...

O Diário Oficial do Estado que circulou no último dia 4, um sábado, tinha uma surpresa até para os repórteres políticos que acompanham o dia-a-dia da Assembléia Legislativa: o autógrafo de uma lei aprovada pelos deputados, determinando que a Rodovia dos Imigrantes passe a ser chamada Rodovia Presidente Juscelino Kubitschek.

Para os repórteres, a lei trouxe uma dúvida: como pôde ser apresentada e aprovada sem que eles soubessem? Para o governador Paulo Egydio ela traz um delicado e incômodo problema: a partir da publicação no Diário Oficial, ele tem um prazo legal de 15 dias úteis para sancioná-la ou vetá-la.

— Então, se um juiz é ladrão, eu não devo aplicar o Ato 5 nele? Claro que devo!

A frase do presidente Geisel, em tom firme e enérgico, chamou a atenção de várias pessoas que, ao lado, participavam de um coquetel oferecido aos chanceleres da Bacia do Prata na semana passada. Ele conversava com o ministro Djaci Falcão, presidente do Supremo Tribunal Federal, e o assunto — presumivelmente — era a reforma do Poder Judiciário. Conclusão do presidente, no mesmo tom:

— E tem mais: precisamos acabar com esse negócio de juiz guardar processo na gaveta e ninguém poder tirar. Isso compromete a eficiência do sistema judiciário.

Se Djaci Falcão concordou ou contestou, ninguém ouviu.

Comentário de assessores do prefeito de Campinas, Lauro Pércles Gonçalves: ele deverá ser nomeado pelo governo para a presidência da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos.

Já não se fala mais em Ministério do Planejamento e outros sonhos mirabolantes.

Atenção senhores vereadores de Jundiá que não têm outra atividade além de seu trabalho na colenda edilícia: seu futuro está garantido. O governo do Estado acaba de criar o IPESP — Instituto de Previdência do Estado de São Paulo — a Carteira dos Parlamentares. É para garantir os benefícios da previdência social aos vereadores que não são empregados de empresas particulares (INPS), nem funcionários públicos (IPASE).

"Se houve arrependimento quanto às expressões usadas, e se o Egrégio Tribunal vier a condenar o acusado, não desejo ter na consciência a preocupação de que tal condenação poderia ter sido evitada. Em verdade considero que os objetivos do Governo já foram alcançados".

Essa foi a frase final da carta em que o ministro do Planejamento, Reis Velloso, pediu ao presidente Geisel o fim do processo criminal contra o almirante Macedo Soares, que qualificou o ministro de "sem caráter" em uma entrevista. Beau geste.



OS DERROTADOS FALARAM.

Newton Balzan

O Jornal de Jundiá publicou em sua edição do último dia 19, entrevistas com quatro dos cinco candidatos derrotados à Prefeitura Municipal. Apenas o Sr. Arnaldo Reis não se manifestou por se encontrar em viagem, segundo o jornal.

Por acreditarmos que aquilo que o indivíduo diz reflete sua atitude, dando-nos desta maneira uma idéia de sua estatura — política, no caso — é que faremos uma ligeira análise do conteúdo daquelas entrevistas.

As eleições já se foram, é certo, mas não o tempo de discutir sobre elas. Pelo contrário, julgamos importante insistir na idéia de que sempre é tempo de nos aprofundarmos neste assunto, pois o voto consciente e a participação de cada um, tão apregoados, não surgirão por milagre e nem tão pouco do exercício realizado apenas em vésperas de eleições, mas sim da atividade permanente do indivíduo que se propõe a ver uma dimensão política em atos às vezes muito simples.

Embora se trate de candidatos de diferentes partidos, uns mais derrotados que os outros, é possível apontar alguns traços comuns abordados nas entrevistas.

O primeiro deles refere-se à **pequena votação alcançada pelos candidatos a vereador do MDB**. Todos os candidatos mostraram-se surpresos diante de tal fato. Mas, ao encará-los, os derrotados deixam já perceber claramente suas diferenças individuais. Se não vejamos:

Para o Sr. Abdoral Lins de Alencar, "o povo não está interessado na Oposição; se estivesse, ganharíamos pelo menos na Câmara, mas perdemos nos dois, Legislativo e Executivo". O tom é de amargura, próprio de quem provavelmente tenha dado muito de si e esteja bastante desiludido.

Segundo o Sr. Cid Faria Ognibene, "Jundiá é uma cidade essencialmente emedebista, em que o grosso de sua população é constituída por operários, que a mentalidade da maioria dos eleitores é emedebista, mas por uma razão inexplicável não havia uma manifestação clara, o eleitorado estava mudo"... É o tom de perplexidade ainda, mas que não vai às causas do fenômeno e numa análise simplista passa a associar a presença de um grande número de operários obrigatoriamente a MDB, isto é, ao partido da Oposição. Sem dúvida, tal relação ocorre com bastante frequência, estando presentes os exemplos do ABC, de áreas industrializadas da Baixada Santista, de Contagem (da Grande Belo Horizonte), etc. No entanto, há exceções e Jundiá é uma delas. No caso, bastante previsível conforme outros dos derrotados chegaram a assinalar.

O Sr. Rubens de Lucca, dizendo-se surpreso também, aproxima-se um pouco mais do ponto essencial: "Inicialmente, pensava que a Oposição em Jundiá pudesse significar alguma coisa, tendo em vista principal-

mente os reflexos da política nacional e estadual. Entretanto a medida em que a campanha se desenvolvia, percebi que a Oposição não conseguia sensibilizar o eleitorado com suas teses e eu via que Jundiá — uma vez mais — iria continuar com o espírito governista, em termos de apoio a Arena, que é um fato incontestável a não ser em 74, quando houve maioria do MDB". Dizemos que o Sr. Rubens se aproxima um pouco mais, apenas, da explicação correta, porque o termo "governista", empregado, não nos parece adequado. A coisa é um pouco mais profunda, como deixa claro outro dos derrotados.

Com efeito, o Sr. Erazê Martinho, atinge a essência do problema: "... o povão votou em gente e como Jundiá é uma cidade conservadora acabou votando em quem já conhece, não arriscou solução nova, que era o MDB".

Realmente nos parece ser este o ponto-chave do problema: trata-se de uma cidade conservadora e o próprio Sr. Cid parece perceber a questão embora não a tenha explicitado: "no meu entender, o Prof. Pedro Fávoro cristalizou os anseios de grande número de emedebistas, que viu na pessoa dele exatamente a figura que representava o protesto — o grifo é nosso — desse grande número de emedebistas, e recebeu elevado contingente de votos emedebistas".

A coisa pode parecer esquisita; mas é real: o povo protestou, mas não muito, uma vez que o protesto limitou-se a pessoas não atingindo os partidos; preferiu dizer não ao atual, garantindo-se contra todos os riscos, isto é, escolhendo um nome já conhecido e que oferecia certa margem de segurança no trato das coisas públicas.

O porquê de Jundiá ser um município conservador, embora industrial e urbano constitui um desafio aos jovens sociólogos que poderiam encontrar até excelente material de pesquisa. O fato é que tal conservadorismo se faz sentir em vários setores: educação, religião, arte, política, etc...

Dai não se justificar o tom de perplexidade diante dos resultados das urnas, que alguns dos entrevistados deixaram transparecer.

O segundo ponto abordado nas entrevistas refere-se ao **transportes para os eleitores no dia das eleições**. Os três emedebistas denunciaram abertamente os fatos, embora de maneira bastante diversa, sendo possível inferir mais uma vez alguma coisa sobre seus diferentes modos de encarar a política. O ex-candidato arenista, é claro, não se referiu a este problema.

A posição do Sr. Abdoral nos pareceu carregada de contradições. Começa elogiando a justiça eleitoral que segundo ele, tem se caracterizado por uma lisura extraordinária. E depois de declarar que tudo foi ótimo, diz-se estarecido com o volume de veículos que transportaram eleitores, uma

vez que já estava definida a situação de se cumprir a lei: "De manhã do dia 15, vi uma enormidade de carros parados, preparando a saída para a busca dos eleitores e fiquei apavorado".

Chega a ser cômico quando, depois de afirmar ter tido seu próprio carro avariado por um dos cabos eleitorais de determinado candidato, dizer textualmente não condenar nenhum deles por essa atitude e ter mesmo dispensado aqueles que o queriam ajudar (!)

Não é essa a atitude que se espera de um candidato a prefeito de uma grande cidade. Não é preciso se cuidar tanto para não ser agressivo. Pelo contrário, de um vereador que segundo sabemos foi pioneiro na denúncia de irregularidades da atual administração, esperar-se-ia maior definição, agressividade mesmo, sem deixar de lado a razão, evidentemente.

O Sr. Cid também aborda o problema, dizendo que tem censuras a fazer, "principalmente pela falta de fiscalização da justiça, não à lei Falcão, mas ao código eleitoral, que previa a impossibilidade do transporte coletivo dos eleitores". Embora tenha sido um pouco mais claro, estranhamos que o ex-candidato tenha frisado que não se referia à lei Falcão. Por que teria que frisar este ponto? Não estaria nesta maneira de encarar as coisas — em níveis estritamente locais, sem considerar o que ocorre em âmbito nacional, uma das cruses de nosso provincianismo, alícerce de um provável conservadorismo sem direção?

Mais uma vez o Sr. Erazê Martinho nos pareceu aquele dentre os derrotados que se expressou com maior clareza e objetividade: "Tenho todas as queixas do mundo a fazer à Justiça Eleitoral, porque eu achava que não se devia discutir a lei, que prescreve quatro anos de reclusão para quem transportar eleitores", (... "Nos aconselharam a denunciar, mas achava que a justiça não deveria ser tão cega a ponto de não ver aquilo. Deveria ser automática a punição".

Há outros pontos abordados pelos entrevistados, sugerindo-se algumas pistas a respeito de suas concepções sobre os partidos a que pertencem e sobre seus próprios futuros na política. Sem nos colocarmos na posição de adeptos da futurologia (assunto que nos causa repulsa), gostaríamos de arriscar alguns palpites, no entanto.

Dadas as informações que nos são colocadas através das entrevistas, arriscaríamos a dizer que provavelmente o Sr. Rubens de Lucca será candidato a outro cargo eletivo — é óbvio que todos nós que gostamos de participação política e querendo bem nossa cidade vamos continuar... (...) " se for o caso, dependendo das circunstâncias, candidatando-se a qualquer outro cargo eletivo" — são palavras suas. Se der uma nova dimensão ao seu programa, se souber atualizá-lo — desde que sem excesso, pois isto seria contradição. pura — provavelmente

encontrará ressonância bastante grande numa cidade conservadora. Se a cidade continuar assim — e por que não haveria de continuar? — será eleito.

Quanto ao Sr. Abdoral, tudo dependerá do tempo que levar para que se reencontre. Consideramos improvável que seus eleitores se esqueçam de sua atuação marcante e coerente na Câmara de Vereadores, não se justificando sua indecisão atual, a não ser que a consideremos pura e simplesmente como passageira, fruto de uma grande decepção. Aliás, ele mesmo faz questão de lembrar ter saído à luta devido ao seu espírito partidário.

O futuro político do Sr. Cid, a nosso ver, está na dependência de uma profunda revisão de sua forma de atuação que deveria ser mais realista e menos ingênua. Acreditamos que tenha participado do pleito, conforme declara, com a intenção de levar a todos os cantos de Jundiá, principalmente aquela população de menor capacidade aquisitiva uma esperança de melhores dias etc... No entanto, a forma escolhida não parece ter sido a melhor. Estamos diante de uma situação complexa e contraditória: o povão (expressão que tanto usa o Sr. Erazê) sente tudo isto, sim, mas talvez não entenda sua linguagem, fato que o Sr. Cid parece perceber com clareza, quando atribui a si próprio possíveis deficiências — "não conseguindo ser entendido, não estabelecendo uma comunicação mais direta com a massa" — que o teriam levado a uma votação tão irrisória.

O Sr. Erazê vê ao revés "uma grande lição, uma grande ferida, um ponto de partida para um novo passo". Refere-se a um grupo de trabalho, junto ao qual pretende continuar atuando numa linha de conscientização, visando fortalecer o partido tendo em vista o futuro.

Se o espírito do grupo prevalecer, sem dúvida terá sucesso. Captará os votos do MDB que ainda não existe mas que talvez possa existir: vinculado a teses populares e reformistas, indo de encontro a uma camada da população que terá interesses diferentes daqueles expressos por um partido conservador (Arena) ou mal expressos por um partido sem estrutura (MDB atual). No entanto, tudo se coloca na dependência do próprio trabalho que ele afirma pretender continuar — trabalho de base e que implica mudança de mentalidade de uma população que ele mesmo sabe, conservadora.

Estamos publicando, de novo, a análise de Newton Balzan (professor universitário e chefe do departamento de pós-graduação da UNICAMP) que saiu "empastelada" na edição anterior. Juntamente com a reedição, nossas desculpas ao autor e ao leitor.

O TRIGO E O JOIO

Ainda hoje se comenta, em vários círculos, a importância do "Jornal de 2a." no resultado das eleições municipais de 15 de novembro. Segundo os comentários, este semanário foi um dos responsáveis pela desmistificação da obra "progressista" da atual administração, denunciando a inversão das prioridades das obras do Sistema Viário, a lesividade dos contratos com a empreiteira Andrade Gutierrez, os gastos com a "mordomia" municipal, o compadrismo a serviço do qual leis e obras foram alteradas, enfim, a série de desmandos que acabaram por endividar o Município em 420 milhões de cruzeiros — a mais trágica herança jamais deixada por um prefeito ao seu sucessor.

Na verdade, esses comentários abrangem apenas uma parte daquilo que este semanário teve e tem em

mente alcançar. Porque, mais do que combater um homem e suas intenções, o "Jornal de 2a." sempre procurou mostrar à opinião pública que a raiz dos males praticados em Jundiá estava localizada fora daqui, em esferas mais altas e mais poderosas, a serviços das quais funciona o atual prefeito como mero corretor de interesses. (O que, é bom que se frise, não isenta de culpa o sr. Ibis Cruz perante a história da cidade).

Agora, passadas as eleições e escolhido o novo prefeito, começam as especulações em torno da posição que o "Jornal de 2a." tomará, com relação à futura administração.

Nossa colocação é a mesma de todos os homens conscientes de Jundiá: cobrar da administração Pedro Fávoro um trabalho que venha atender à maioria da população, aqueles que foram

sacrificados pelos pesados impostos e que não viram, em troca, a prestação dos serviços urbanos a título dos quais tiveram suas economias esvaziadas.

Além disso, ficará conosco a expectativa de saber que providências o futuro governo do Município tomará em relação aos erros praticados nestes quatro anos. Erros que ferem a dignidade do Poder Público, que ofendem aos mais elementares princípios de moralidade administrativa. Erros que exigirão do sr. Pedro Fávoro uma atitude corajosa e que deverá se pautar por ações mais objetivas, mais efetivas do que o recurso de frases feitas tipo "perdoar os inimigos", ou "só o amor constrói".

Afinal, nada é mais cristão do que fazer Justiça.

Equipe J2a.

BAFOS

Alguns nomes desde já comentados como futuros homens da administração Pedro Fávoro: arquiteto Antonio Fernandez Panizza, secretaria do Planejamento; professor Flávio D'Angieri, secretaria da Educação, Cultura, Esporte e Turismo; economista Mário Milani, secretaria da Fazenda.

Nada oficial, contudo.

A breve referência ao "affaire" Ação Popular contra o prefeito Pedro Fávoro, feita pelo Juiz Eleitoral Dr. Eliomar Pontes Saraiva na solenidade de diplomação dos eleitos, deixou expectativa entre os analistas, embora o caso já pareça suficientemente esclarecido em favor da legitimidade da posse de Fávoro.

"Se não houver nenhum Giarola entre os vereadores eleitos pela bancada do MDB, a futura Oposição estará em melhores condições do que a atual, já que o número de sequebra os dois terços que o partido do prefeito necessitará, para aprovação dos projetos mais importantes". Essa observação, feita por alguns homens que acompanham a política municipal, deixa entrever que o "jogo parlamentar" terá novas nuances, no ano que vem, evitando o rolo compressor que funcionou, como nunca, na atual gestão da Câmara.

A boa votação obtida por alguns dos vereadores recém-eleitos e mesmo as conseguidas por três dos candidatos a prefeito, deixa no ar a pergunta: quantos desses nomes estarão disputando as eleições de 1978 para a Assembléia e a Câmara Federal?

CONVERSA DE FIM DE FESTA

Como administrador, o sr. Ibis Cruz não marcou ponto à testa dos negócios municipais. Como político foi desastroso.

Usou e abusou dos recursos do poder no sentido de impingir ao povo um candidato que lhe garantisse o continuísmo. Não conseguiu.

Explorando um eleitorado superior a 91 mil eleitores, não obteve apoio senão da quinta parte desse eleitorado. As urnas disseram não ao "vamos continuar" — divisa que serviu de estandarte à sua peregrinação eleitoral.

Ruidosamente desgastado como foi, não tem condições de liderança. E ao despeñar-se pelo declive da impopularidade arrastou consigo as esperanças de duas ou três centenas de pessoas que, praticamente sem função, atrelou a cargos municipais.

Posto que, sem procuração para o afirmar, queremos crer que, iniciado o novo período administrativo a 1.º de fevereiro vindouro, serão todas, ou quase todas, dispensadas por ociosas ao serviço público. Uma tarefa bastante desagradável, sem dúvida, que o sr. Ibis Cruz deixou aos ombros de seu sucessor.

Reformas estruturais terão que ser implantadas no "modus-vivendi" do S. Vicente, da Faculdade de Medicina, do Pronto Socorro, das Unidades de Saúde e outras, cuja situação finan-

ceira, por assás periclitante, há que ser restaurada.

O infortunado (?) prefeito termina o seu governo deixando no tinteiro todas as suas promessas. Fez as avenidas Córrego do Mato, 14 de Dezembro e Imigrantes. Executou alguns quilômetros de asfaltamento. As avenidas estão inacabadas e o asfaltamento, da pior qualidade, é uma insolita carga tributária que sobrecarregará os ombros do contribuinte já no próximo exercício.

O problema da água, entretanto, ficou para as calendas, a despeito da propagação e das sucessivas majorações na taxa respectiva. A cidade não pode estar mais feia nem mais maltratada do que está a despeito da promessa de que seria transformada num "presépio". Ultimamente, para inglês ver, vem cobrindo com asfalto os paralelepípedos do centro sem corrigir a apodrecida rede de água e esgoto das ruas. As calçadas, não obstante, são uma evidência de descaso e inoperância. O Paço municipal foi só prosopopéia.

Por várias vezes tivemos ocasião de ouvir o sr. Ibis Cruz defender-se dizendo que seus antecessores também não realizaram tudo aquilo que dele se exigia. O que não disse é que aqueles governaram à míngua de recursos financeiros enquanto que ele nadou em dinheiro forçando os contribuintes a aumentos via de regra superiores a 3 mil por cento.

São ainda, do prefeito falante, as declarações feitas em Brasília e veiculadas pela "Folha de S. Paulo", de que o senador Franco Montoro, ao comentar o endividamento de Jundiá. "não disse, por exemplo, que soufriu um atentado e a prova de que o povo apoia a administração é que venceremos as eleições". Aí, o óbvio é cristalino, quis dizer que ele venceria as eleições.

Quanto à primeira parte, força é dizer que não endossamos nem contestamos. Mas, pomos o nosso dedo no fogo, isso sim, por aqueles apontados como mandantes do crime que ceifou estupidamente a vida de um pobre vigilante. Com relação à segunda parte, todavia, entende-se que lá na cúpula partidária as afirmativas devem ter ecoado como legítimas, por levadas à conta da Arena. O sr. Ibis Cruz seria o grande vitorioso. Ilusão falsa, como todos sabemos, porque a Arena votou em outros dois candidatos contra o do prefeito, o que mais vale dizer, contra ele próprio.

A Arena esmagou impiedosamente e a um só tempo, o MDB e o prefeito que não era nem uma nem outra coisa em termos locais.

Mas, o sr. Ibis Cruz, prodigo em imaginação, vai continuar alardeando por aí, que venceu as eleições, sem perceber que a festa acabou.

Elcio Vargas



Canto Chorado

Se eu fosse ele...

Se eu fosse ele daria ao meu governo dez prioridades capitais, como condição "sine-qua-non" para fazer jus aos votos recebidos:

1— Logo de entrada passava uma vassourada nos "chupetas". Não têm função definida e nem sequer interessam ao serviço público. Foram nomeados para fazer política eleitoral — E o tempo das vacas gordas acabou. Se eu fosse ele, meu ponta-pé inicial seria no fiofó dos "chupetas".

2— Meu segundo passo seria no sentido de acabar de vez c'oa propaganda. Seria criminoso continuar gastando 18.500 contos por dia para contar ao povo histórias da Carochinha; dizer que a cidade é um presépio quando na realidade é um chiqueiro. Se eu fosse ele acabava c'oa propaganda.

3— A verba da comedeira também seria ceifada por inteiro. Quem quiser continuar comendo do bom menu, com whisky escossês que vá comer à sua custa. Nada de churrascos bem regados e outros accipes comemorativos. O povo que já nem feijão pode comer não pode continuar sustentando pançudos a 1.992 contos por dia. Se eu fosse ele parava a comedeira.

4— Os fatos registrados neste quadriênio estão mostrando que o município necessita criar o Jornal Oficial. Além de trazer grande economia ao erário ainda teria o condão de açaimar os apetites e impor à crítica um critério imparcial na manifestação do pensamento. Se eu fosse ele criaria o Jornal Oficial.

5— Uma ação popular se arrasta pelas barras da Justiça Comum. Seu objetivo é exigir a reposição aos cofres municipais de dinheiro esbanjado ao arpejo da lei, com sensíveis prejuízos à coletividade. Se eu fosse ele não contestaria a ação. Ao contrário, nela implicaria o município como litis consorte.

6— As obras públicas porventura inacabadas teriam o seu curso normal. Para tanto, porém, concorrências moralizadoras seriam abertas e julgadas por gente da terra, sem privilégios sem vesguices. Há que se ter mais respeito com o dinheiro do povo. Se eu fosse ele mudaria as concorrências.

7— A água é um problema sério. Todos sabemos disso. Não adianta anunciar "água da melhor qualidade em cada casa". É mentira e mentira não se cultiva. O DAE precisa ser reformulado a fim de que fale menos e realize mais. Se eu fosse ele reformularia o DAE.

8— O S. Vicente é um calcanhar de Aquiles, ou, melhor falando, um saco de gatos. Leiam o relatório do Dr. Muri-lo e terão consciência dessa assertiva. Quando o médico diz "sim" e o "chupeta" diz "não", vale o "não". Se eu fosse ele acabava com os "chupetas" do S. Vicente.

9— Grandes manchetes refletidas em Brasília davam alarde sobre a nossa aviltante condição de cidade record na mortalidade infantil. Isso é grave. Uma sindicância diria se o Córrego do Mato solucionou o problema. Se eu fosse ele abriria uma sindicância.

10— O Colégio Técnico de Jundiá é a escola mais importante da região. Fornece mão-de-obra especializada para todo o país através do ensino gratuito aos nossos conterrâneos de menor nível pecuniário. Merece melhor atenção e maior carinho do poder municipal o que não tem conseguido até aqui, salvo uma ajuda ridícula se comparada com os seus préstimos. Se eu fosse ele ajudaria mais o CTJ.

Fosse eu ele, mas não sou.
Conselhos não posso dar.
Tão logo o tempo passar
Tudo pode acontecer.
Todavia não se esqueça
De que a cobra p'ra morrer
Tem que apanhar na cabeça.

Simão

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1044 Tel: 434-8648
Redator Chefe: Carlos Veiga
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue

ASSINE
© JORNAL DE 2ª
disque: 434-8648

SUPERMERCADO

*** ELIAS ***

**ONDE VOCÊ FAZ
MAIS ECONOMIA**



R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

Os amigos caros do sr. Prefeito.

Manhã de sexta-feira, dia 30 de julho de 1976. Com a presença do presidente do BNH e do presidente do Banespa, era formalizado, na prefeitura de Jundiaí, o empréstimo no valor de 141 milhões de cruzeiros, parte da fabulosa quantia autorizada a jato pelos órgãos federais em Brasília e pela bancada arenista no Senado, para aplicação nas obras do Sistema Viário.

Na ocasião, assim se manifestou o prefeito Ibis Cruz, segundo foi publicado no "Jornal de Jundiaí" do dia seguinte:

"Não importa o acervo negativo que herdamos, nem as dificuldades burocráticas, nem a fúria dos inconformados e nem o ódio manifesto dos que tiveram interesses subalternos contrariados. Nada justifica que cometamos o crime de engrossarmos a legião dos indiferentes, dos omissos e dos frustrados por falta de civismo. Nada justifica nossa recusa, ou alheamento, em tratarmos seriamente, e nos engajarmos a fundo no equacionamento, na busca incessante de soluções dos problemas vitais e decisivos ao futuro desta encantadora cidade que, por sua importância, é um dos polos da 5a. Região Administrativa de São Paulo" (...) "A nossa luta, sr. Presidente do BNH, sr. secretário de Obras, sr. Presidente do Banespa e sr. presidente da Sabesp, é evangélica, por ser a boa peleja, porque transcende de muito o interesse meramente político-administrativo. Ela garante a todos nós a inscrição e a participação efetiva no plano social do Governo da Revolução, em prol da valorização do homem brasileiro e, por via de consequência, contribuirá, certamente, de modo eficaz para aprimoramento dos costumes políticos transformando os brasileiros de Jundiaí e que participam do agrupamento em cidadãos eleitores, tornando-os partícipes da organização do poder, através do voto livre e principalmente consciente".

Aplaudiram a fala do prefeito o presidente da Sabesp, Klaus Reinach, e o secretário de Obras do governador Paulo Egydio, Francisco de Barros, amigos do alcaide e que para cá vieram prestigiar o ato solene.

AMIGOS CAROS

Na realidade, as obras do Sistema Viário constituem um excepcional negócio para a poderosa e influente construtora Andrade Gutierrez. As grandes avenidas estão custando o dobro do que teriam custado se, na concorrência imoral e escandalosa, tivesse sido escolhida a firma que apresentou a melhor proposta. Mas não era a Andrade Gutierrez a única amiga do prefeito a lucrar com os 141 milhões que estavam chegando à cidade.

O sr. Klaus Reinach, presidente da Sabesp, é pessoa diretamente interessada na realização das avenidas. Esse caro amigo de Ibis Cruz aparece como proprietário de grande gleba junto à Av. "9 de Julho", conforme se soube, mais tarde, quando o "JJ" publicou ato oficial da Prefeitura desapropriando do sr. Klaus Reinach "e Outros" (resta ainda saber quem), uma faixa de 24.270 m² — um alqueire! — para abertura da "9 de Julho".

O sr. Francisco de Barros, secretário de Obras do governador Paulo Egydio, é também grande proprietário em Jundiaí favorecido com as obras do prefeito. No dia 21 de novembro último, foi publicado no mesmo "JJ" decreto do Executivo Municipal aprovando o projeto de loteamento deste senhor e de "Outros" (resta saber quem), no bairro do Moisés, com frente para a via de ligação do trevo da Anhanguera com a futura Via Norte. Convém lembrar que a própria Dersa não definiu ainda se vai ou não haver saída para Jundiaí, nessa altura da Via Norte. Mas, o dinâmico e corajoso prefeito Ibis Cruz já está abrindo a avenida de ligação, que por acaso vai servir ao loteamento de seu importante e caro amigo. (FAO)

Jornalistas locais têm representante sindical.

O jornalista Afrânio Bardari foi nomeado pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo para ser o representante da entidade em Jundiaí e em toda a região. Ele fala dos planos de atuação:

— A minha nomeação, como de outros, foi causada pela preocupação do Sindicato em atingir cada vez mais o Interior, com a unificação da classe. A idéia surgiu no congresso de Barra Bonita. Lá, houve a consciência da importância que tem o grande número de jornalistas que trabalham no Interior e

que sempre foram muito desassistidos.

Bardari comentou que a preocupação foi uma das promessas que o candidato da Oposição, Audálio Dantas, fez quando disputou a presidência do Sindicato. E essa atuação da entidade, mais sua manifestação pública por várias ocasiões em respeito à liberdade de Imprensa, Censura e outros assuntos de interesse da classe, tem levado os profissionais que se encontravam afastados a se aproximarem do Sindicato.

Agora, o representante, que esse cargo até 1978,

está ocupado em manter contato com os jornalistas da cidade, e região, para poder iniciar seu trabalho.

(Afrânio Bardari — 38 anos — é o redator secretário do Jornal de Jundiaí e assessor da Imprensa da FEPASA. Ele iniciou na profissão em 1964, na Tribuna de Jundiaí. Trabalhou na fase inicial do Jornal da Cidade, na Edição de Esportes do Jornal da Tarde e também prestou serviços ao Jornal de 2a.-Feira)

Afrânio Bardari

Jango: a carreira, o populismo, o fim.

No mesmo dia 6 de dezembro em que todo o noticiário se ocupava em registrar a festa da torcida do Corinthians, morreu João Belchior Marques Goulart, fundador do Partido Trabalhista Brasileiro, deputado estadual pelo Rio Grande do Sul (1946), deputado federal (1951) presidente do PTB (1952), Ministro do Trabalho (1953/54), vice-presidente da República (1955/59), de novo vice-presidente da República (1961), presidente da República (1961/64).

Morreu aos 58 anos de idade, vítima de colapso cardíaco, no exílio (Argentina) onde se fixou depois de sua deposição em 1.º de abril de 1964. Deixa a esposa Maria Thereza Goulart e os filhos João Vicente e Denise, estes vivendo atualmente na Inglaterra. Foi sepultado em sua terra Natal, São Borja. RS.

POPULISMO

Segundo a "Folha de São Paulo", (7/12/76) o erro político de Jango (apelido de infância que se popularizou) foi o "populismo em excesso". Goulart, na verdade, mesmo no tempo em que ocupou o Ministério do Trabalho, já exercitava uma política populista (era favorável à greve geral dos trabalhadores como forma de pressão para a obtenção de aumentos salariais), fato que o incompatibilizou, desde então, com as Forças Armadas que, em 1964, o depuseram.

Segundo "O Estado de São Paulo", seu maior erro foi aceitar a posse como Presidente da República, quando Jânio Quadros, de quem era vice, renunciou. A renúncia ocorreu no dia 24 de agosto de 1961 e o vice-presidente Jango Goulart estava em missão comercial na China. Nessa época, correram rumores de que áreas militares estariam contra a posse de Goulart, "por motivo de segurança nacional".

PARLAMENTARISMO

Mas Goulart acaba voltando ao Brasil e sendo empossado em meio a uma grave crise que teve solução com a mudança do regime político: foi instituído o Parlamentarismo, forma de governo em que os poderes da presidência eram reduzidos e a nação governada por Primeiro Ministro aprovado pelo Congresso.

Graças a uma emenda constitucional que facultava ao presidente realizar um plebiscito para saber se a opinião popular era favorável ou não ao regime parlamentar, João Goulart estimulou a união de todas as forças políticas descontentes com o parlamentarismo, realizou esse plebiscito e assim foi restabelecida em 6 de janeiro de 1963, a volta ao regime presidencial.



Jango: a morte no exílio

Jango governou até abril de 64, quando foi deposto e obrigado a deixar o país.

HOMENAGENS

No dia 6 de dezembro, segunda-feira, ao saber da morte de João Goulart o presidente do Senado, Magalhães Pinto, mandou que a bandeira nacional fosse hasteada a meio-pau (sinal de luto oficial). Como o presidente Geisel não tivesse decretado luto oficial, a bandeira foi baixada quatro horas depois.

No dia seguinte 7 de dezembro, terça-feira ao lado da notícia do sepultamento de João Goulart em São Borja, o jornal "Folha de São Paulo" estampava a manchete: "Governo quer o jogo em São Paulo", falando do empenho do governador Paulo Egydio e do ministro Shigeaki Ueki em transferirem a final do campeonato brasileiro para a capital paulista. "Uma atitude populista, comentou um leitor.



Afrânio Bardari

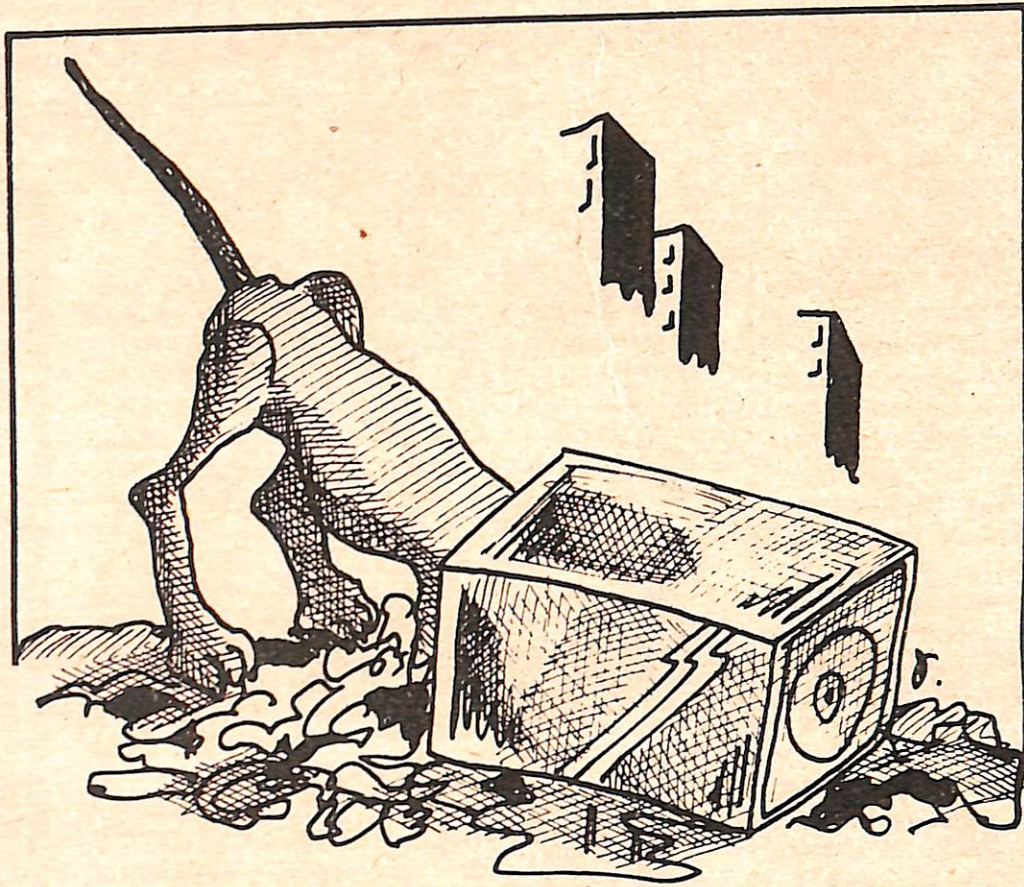
VIDA DE CÃO

Era uma vez um cachorro que era uma gracinha. Parecia gente — todos comentavam — e outros chegavam a considerar, encantados, que só faltava falar, porque o resto ele fazia: dava a entender direitinho que queria dormir ou passear ou comer e até (imagina!) fazer pipi! Era uma graça.

E que personalidade! Embora tendo sua dieta especial, sentava-se à mesa das gentes racionais e partilhava de suas refeições com a maior simplicidade. Quando dos passeios de carro, pela cidade, a todos latia igualmente.

E que porte, que linhas, que orelhas! Berço de ouro, uma longa lista de ancestrais devidamente classificados em Fulanus Primeiro, Beltranus Segundo, algo de se pasmar.

Daí, deu-se que um dia esse espécime maravilhoso sumiu do lar. Confusão e desespero entre os familiares, providências sensatas, insensatas e somas exatas prometidas nos jornais. Apelos radiofônicos, fotos na televisão, promessas a um possível raptor e aos santos da devoção da família. Em vão. Havia mesmo su-



mido aquele que parecia gente. O "chien gaté", por tédio ou súbita inspiração, renegando medalhas de ouro, almofadas, vários diplomas e menções honrosas, simplesmente atravessou o portão para perder-se em outro mundo.

Hoje, há um cachorro que, na rua onde moro, é chamado de Lulu, pelas crianças, mas alguém soube que num bairro próximo, esse Lulu atende pelo nome de Dick e em outras ruas, por Duque, Nero, etc. É um cachorro até sem graça. Não sabe truques para agradar as pessoas, sabe é revirar latas de lixo e correr com agilidade para escapar às pedradas e vassouradas. Come de tudo. Tudo que se encontra em lixo. Sabe fugir para buracos quando a "rede" começa sua ronda. Nas horas de amor, sabe lutar com unhas e dentes por uma fêmea vadia. Está cheio de cicatrizes. É medroso e valente, magro, machucado e doente, perseguido e ladrão. E desse Lulu, ou Dick, ou Nero, ou Duque, ou etc., nunca se falou que parece gente.

Ângela de Barros Pinto Danon



**CONSTRUTORA
JUNDIAÍ LTDA.**
r. Siqueira de Moraes n 578
8 andar conjunto 801 C

**FOTOCOPIADORA
MALTONI**



**TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX
DA CIDADE**

Rosário, 618 Fone — 6-8460

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone:434-8648

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana — Térrea, sala em "L", lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. Oferta Central de Imóveis.

Anhagabaú — Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. Oferta Central de Imóveis.

Jardim Brasil: Nova, com 3 dormitórios todos com armário, sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil,

aquecedor central, armários externos, etc...
Oferta: Ribeiro

Parque do Colégio — Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. Oferta Central de Imóveis

Rua Pirapora — Casa térrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

Anhangabaú: Nova, moderna, bem localizada, 3 dormitórios, 1 tipo suite, 2 banheiros sociais, copa, cozinha, lavabo, sala, área de serviço, dependência para empregada e quintal. Oferta Ribeiro.

Parque do Colégio: Nova, com 3 dormitórios, 1 tipo suite, banheiro social, abrigo, jardim, sala com lareira, sala

de jantar, lavabo, cozinha, área de serviço, mais 1 banheiro completo, aquecedor central, dependência para empregada e quintal.

Oferta: Ribeiro.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Caxambu: com 2 alqueires e meio, ótima topografia, 2 águas correntes, nascente, meio alqueire de mata. Ocasão. Oferta: Ribeiro

Engordadouro: com 4 alqueires e 3/4, excelente para Clube de Campo, com casa sede, casa para caseiro, nascente, poço artesiano, 2 alqueires de mata, pomar. Preço de Ocasão. Oferta Ribeiro.

Caxambú — Linda chacara, com 1 alqueire formada, casa sede nova, casa de caseiro, correjo, bosque natural, pomar, etc...Oferta: Ribeiro

Malota — magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo "clássico", três dormitórios, 1 suite vestibulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$... 1.800.000,00 (977). Oferta Central de Imóveis.

Nova Era — chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) Oferta

Central de Imóveis

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

**RIBEIRO
IMÓVEIS**

administração
e vendas

rua Mal. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão
de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311



VOX POPULI

Encontro o Assessor risonho, limpando o sapato cheio de pedrinhas grudadas na sola, fazendo aquele crec crec irritante na calçada. Está com os olhos injetados, voz rouca, a cara cheia de alegria, transbordante, esfuziante, onírico, e se não fosse parecer muito irreverente, diria até que um pouco alcohólico.

Cumprimento-o com a efusividade possível nas circunstâncias:

— Assessor!

— Repórter, meu bom repórter, meu caro e simpático repórter, como vai? E a família? As crianças? A esposa vai bem? A senhora sua mãe? E essa sua dignificante e honrosa profissão de comunicador social? Que seria de nós sem a imprensa, hein? A imprensa, meu caro, é o quinto poder, é a quinta essência da democracia!

Naturalmente, alguma coisa não vai bem com o Assessor. Ou alguma coisa vai bem demais.

Resolvo sondar o terreno:

— A que devemos tal euforia, caro Assessor?

— Ora, a que devemos, a que devemos! Não estrague meu bom humor com perguntas idiotas, caro repórter. Eis o defeito de vocês da imprensa: estão sempre querendo inquirir, pesquisar. Que diabo! Um ser humano não tem o direito de estar feliz?

— Sim, mas um repórter tem o direito de tentar descobrir o motivo de tanta felicidade...

Ele pára um pouco, quase que pensativo, se pudesse chegar a tais requintes de sofisticação. E ataca:

— Em que mundo vive o senhor, meu caro repórter? Então não se deu conta do que se passa a seu redor? Em que galáxia mora? Que disco voador o trouxe até a terra? O senhor não está vendo o povo nas ruas, alegre, cantando? O senhor não está sentindo a vibração da alma popular, manifestações nas ruas? O senhor não percebe um frêmito de emoção cívica espalhando-se entre o povo, qual fora, qual fora... digamos assim, um incêndio florestal. Isso mesmo: um incêndio florestal!

(O Assessor, nota-se claramente, está vibrando com o seu achado. Construiu uma imagem, e está-se deliciando; ela tocou fundo na alma; diria até que ele tem um momento de êxtase para consigo mesmo).

— Hum, hum... (a minha resposta traz, indistintamente, o traço amargo de uma característica, diria mesmo de uma deformação profissional: (o ceticismo.)

— Hum, hum, o diabo que o carregue! Então o povo sai às ruas, manifesta-se, diz o que pensa, extrapola (na verdade acho que ele queria dizer extravasa) seus sentimentos, e o senhor fica aí a resmungar como um velho: hum, hum.

Enquanto ele faz seu pequeno discurso, levanta o pé direito à altura do joelho da perna esquerda e começa a tirar os pedriscos que estão grudados na sola. Distraidamente solta alguns inofensivos e domésticos palavrões. Depois volta a si, reassume sua dignidade assessorial, e ri amarelo: eh, é o preço do progresso, não é". Digo um "pois é" protocolar, e volto ao assunto:

— Então o senhor acredita que realmente o povo se manifestou e, digamos assim, expressou seus verdadeiros sentimentos?

— Pois ainda duvida? Ele manifestou sua verdadeira vocação, mostrou que sabe apoiar quem merece, que sabe realmente dar valor a quem tem. O povo, meu caro, é um grande juiz. O grande e verdadeiro juiz.

Na verdade, a frase não me é estranha, mas eu não quis desapontar o Assessor com uma observação tão deselegante, e preferi seguir em frente.

— Na verdade, senhor Assessor, devo manifestar uma certa estranheza. Eu realmente não sabia que o senhor era um democrata tão convicto. Achei que o resultado das urnas não favoreceu exatamente o seu candidato...

— Que urnas? Que candidato? Estou falando do Coringão, ô seu idiota! Do Coringão!

Sandro Vaia

I
De uns tempos para cá, dezenas de "professores" de jornalismo e "mestres" em moral, ética e comportamento, têm se dedicado com vigor àquela prática pouco racional de transformar os meios de comunicação em bodes expiatórios dos males do mundo.

Já comentei este fato aqui, anteriormente. Mas, aquele caso do bacharel em Direito que optou pela carreira policial e fulminou com um tiro no rosto um jovem de 19 anos, foi extremamente comentado pelos estimados professores e mestres. Um deles, o meu amigo Waldir Troncôso Peres, teve um ato de extrema coragem: em plena sala de audiências da II Vara Auxiliar do Júri, teve a coragem de fazer uma petição (não era o caso de indeferir ou deferir) ao repórter Fausto Macedo, do "Jornal da Tarde": por que você não lê Mc Luhan? Por que você não escreve ao menos uma vez que o meu cliente é inocente?

Ora, doutor Waldir. Data vênia, o senhor recomendar a um jornalista ler McLuhan equivale, mutatis mutandis, a nós recomendarmos ao senhor a leitura do Código Penal. Nesse caso específico, o que fez a imprensa? Relatou um fato. Fulano de Tal, armado de um revólver calibre x, deu um tiro no rosto de Siclano. Testemunharam o fato: Fulano, Beltrano, Siclano, etc. O que fez a imprensa? Relatou um fato, repito. E o que se lamenta? Apenas a divulgação do fato. Aliás, de modo geral, essas críticas sofismáveis surgem em todas as épocas em que se fala de violências. E o que faz a imprensa? Promove violência? Não. Ela simplesmente retrata a violência que a sociedade produz.

Obviamente, em muitas questões o ponto é o bom gosto ou o mau gosto. Muitas vezes, por nossos laços de amizade, por questões sentimentais, nós poderíamos até preferir que certos fatos não fossem divulgados. Isso não significa que o personagem ou indiciado desses fatos tenham razão. O que podemos, isso sim, é todos juntos — inclusive os "professores" de jornalismo e "mestres" da moral, ética e comportamento — analisarmos cada fato, por mais desagradável que seja, para extrairmos deles lições para o bem comum. Entre esse objetivo e ocultar simplesmente um fato, existe uma diferença extremamente grande.

II

A propósito, um fato curioso está acontecendo no Rio. Quatro delegados, com fama de "durões" (antônimo: molengões) estão fazendo um

levantamento para investigar e reprimir o enriquecimento ilícito dos banqueiros do jogo do bicho. Ao que se sabe, os cariocas contam, atualmente, com 2.495 pontos de bicho, cada um faturando uma média de 10 mil cruzeiros por dia. Num cálculo estimativo, verifica-se que existiriam nada menos de 150 mil pessoas ligadas ao jogo. Na verdade, o movimento de arrecadação dos bicheiros é simplesmente fantástico. A verdadeira indústria do jogo do bicho prolifera, semeando a corrupção quando a repressão se transforma em convivência pacífica. Que fazer? É o que estuda a comissão formada pelos quatro delegados "durões".

III

Durante o mês de novembro o DETRAN forneceu cartas de habilitação a 16.559 pessoas, das quais 109 portadores de defeitos físicos e 10 com deficiência auditiva.

A propósito a "Operação Corinthians", realizada pela Polícia de São Paulo no fim-de-semana em que houve o jogo do Maracanã, demonstrou mais uma vez, através dos números frios das estatísticas, os dados impressionantes relativos a acidentes, com vítimas ou não. De fato, a Capital continua apresentando o assustador número de 10 mortos por dia em acidentes de trânsito. Só o DETRAN, no mês de novembro, aplicou 6.826 multas, apreendeu 317 cartas de habilitação e guinchou 366 veículos.

Isso significa que a recém-criada Delegacia de Acidentes de Trânsito, que começará a funcionar no dia 15 de dezembro, terá muito trabalho.

Há pouco tempo, uma moça me procurou, indignada, porque fora intimada a ir a uma delegacia de Polícia. Pensei, a princípio, que se tratasse de alguma arbitrariedade ou qualquer coisa parecida.

Não era nada disso: a moça atropelou um senhor, fugiu e ficou indignada, porque o número da placa traseira de seu carro foi anotada, o que permitiu sua identificação. Motivo da "indignação": ela não queria perder a sua "ficha limpa" (?). Esse triste fato retrata apenas a realidade em que algumas pessoas se desumanizam, tornando extremamente válida a preciosa lição das Escrituras que conta a Parábola do Bom Samaritano.

Só, que hoje, a estrada não é a de Jericó — é a de nossas ruas e de nossas estradas, onde as pessoas preferem se coisificar do que serem humanas.

Percival de Souza

434-8648



A LEI SE APRIMORA-AGORA

O PROMOTOR PAULO LEITÃO FALA DA NOVA LEI DOS TÓXICOS — "ÁCREDITO QUE ELA

Um homem que plantava maconha no quintal de sua casa, na Vila Hortolândia: este será o primeiro caso enquadrado na nova Lei dos Tóxicos que a Justiça de Jundiaí vai apreciar nos próximos dias. Segundo a nova lei, o homem pode ser condenado de 3 a 15 anos de prisão, como traficante.

O rigor da pena para os traficantes é uma das novidades da lei que entrou em vigor no dia 21 de novembro deste ano. Antigamente, a pena ia de 1 a 6 anos de reclusão.

O viciado, que a lei chama de "usuário", só pode ser condenado de 6 meses a 2 anos de detenção, e deverá receber, obrigatoriamente, tratamento médico. A lei antiga não diferenciava o traficante do viciado, e previa a mesma pena para ambos: de 1 a 6 anos.

O dr. Paulo Eduardo Nogueira Leitão, promotor público da 3ª. Vara de Jundiaí, foi entrevistado pelo Jornal de 2a. a respeito da nova lei dos Tóxicos.

J2a. — Qual é a principal modificação introduzida pela nova lei?

Dr. Leitão: o rigor da pena para o traficante, o tratamento diferencial dado ao viciado, ou usuário, a obrigatoriedade de tratamento que o viciado deve receber. Reconhece-se agora, pela nova lei, que o viciado, ou o dependente de substância tóxica, é doente. Inclusive a lei diz que o viciado é isento de culpa em qualquer crime que venha a cometer, desde que se prove, naturalmente, que agiu sob dependência da droga. É inimputável, como quem age sob efeito de álcool ou o doente mental. Ele será julgado, absolvido, mas será obrigado a receber tratamento médico.

J2a. — E como será feito esse tratamento? Existem clínicas especializadas? E os custos, correrão por conta do viciado? E se ele não tiver recursos?

Dr. Leitão — Bem sabe-

se que existem clínicas especializadas nesse tipo de tratamento, mas que elas são insuficientes para atender a todos. A lei prevê a criação de um Sistema Nacional de Fiscalização, Prevenção e Repressão aos tóxicos, e acredito que esse sistema, que ainda não foi regulamentado, criará as condições de tratamento. Não sei, mas acredito que serão dados recursos ao INPS, ou será criado um outro serviço... A lei anterior era bastante utópica, determinava o internamento do viciado para tratamento. Mas como internar alguém, se não havia vagas nas clínicas especializadas? Nesse aspecto, esta lei é mais realista: o tratamento pode ser feito em regime extra-hospitalar, ou em ambulatório, ou em casa. Internamentos só serão determinados pela autoridade judicial em casos mais graves.

J2a. — O que é considerado tóxico?

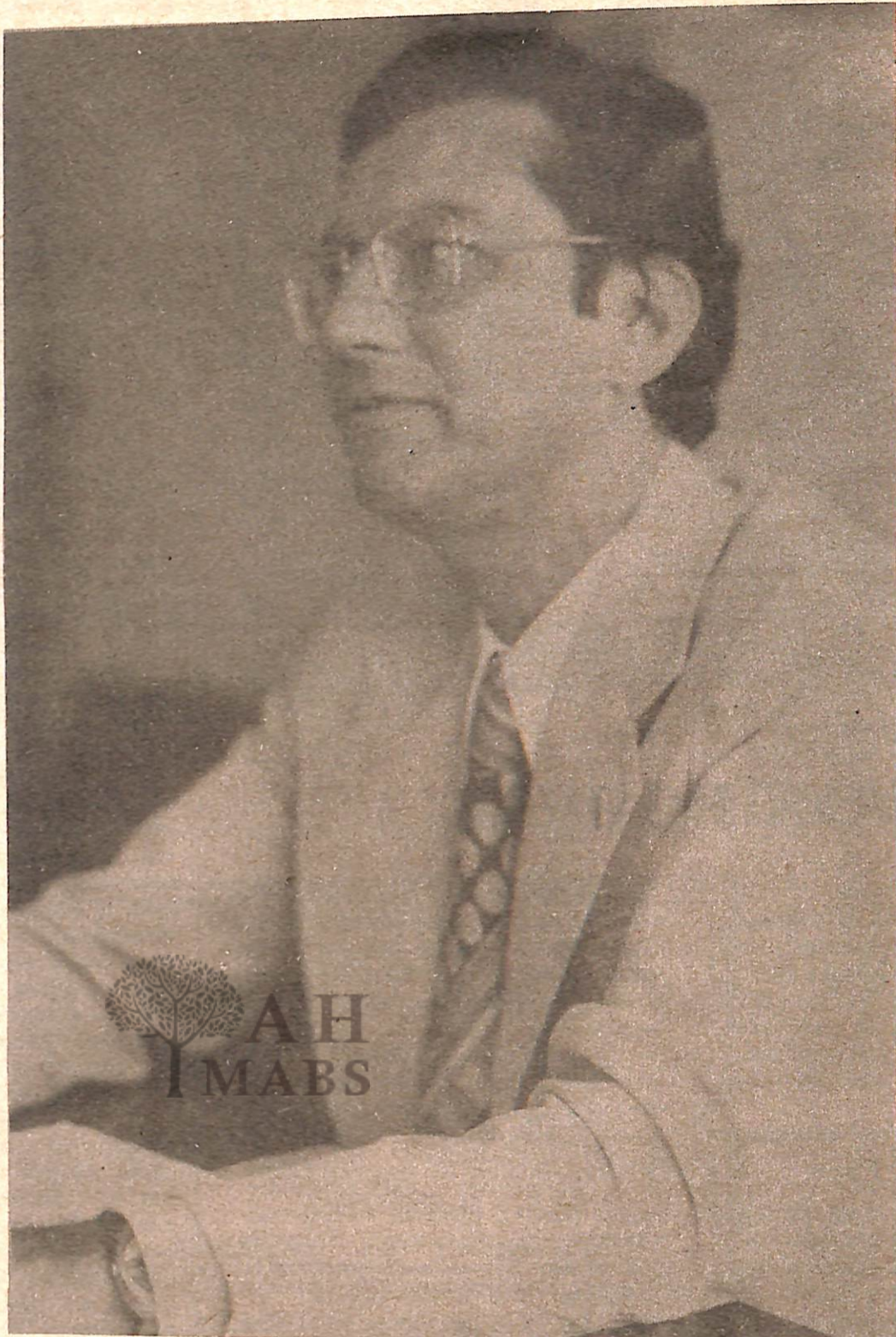
Dr. Leitão: O Serviço Social de Fiscalização de Medicina e Farmácia expede regularmente listas de substâncias que são consideradas tóxicas, entorpecentes, que criam dependência física. Esta lista é renovada periodicamente, porque vão aparecendo produtos novos, substâncias novas.

J2a. — A lei muda alguma coisa com relação à atuação policial na ação de combate aos tóxicos?

Dr. Leitão: Sim, muda. Agora, para prender em flagrante, a polícia precisa ter um princípio de prova. Tem que ser feito um laudo atestando que a substância apreendida é tóxica. Depois de feito esse laudo, digamos assim, provisório, a substância é enviada para análise de peritos oficiais, que fazem o laudo oficial, definitivo. O laudo provisório serve para lavar o flagrante, e o laudo oficial, vai para a Justiça, com o inquérito policial.

J2a. — E quem faz o primeiro laudo?

Dr. Leitão: a própria polícia, que apresentou o ma-



"EU ACHO QUE ESTA LEI É UM PASSO À FRENTE, ELA É MAIS RIGOROSA PARA COM OS TRAFICANTES, E MAIS BRANDA, OU DIGAMOS, MAIS REALISTA COM RELAÇÃO AO VICIADO".

terial. Muitas vezes há casos de pessoas que são presas com capim, ou excremento de vaca, ou outra coisa que quer, e as próprias pessoas acham que é maconha, ou lá, outro tóxico. Há muitos policiais experientes, que conhecem bem as drogas, tóxicos, e têm condições de fazer essa primeira avaliação. Então eles podem fazer esse primeiro laudo, que chamamos de laudo de semelhança, que atesta que a substância apresentada é, pelo menos, semelhante a uma substância tóxica.

J2a. — E se o laudo oficial, depois, provar que não era tóxico?

Dr. Leitão: Bem, devemos confiar no discernimento da autoridade policial do delegado. E depois o prazo entre o primeiro laudo e o laudo oficial dos peritos é muito pequeno. Os casos de tóxicos são julgados com muita rapidez. O processo é bastante sumário.

J2a. — E como saber se o preso é traficante ou viciado?

Dr. Leitão: Bom, isso depende da quantidade apreendida, da qualidade, de uma série de fatores. Um sujeito preso com 18 quilos de maconha, não vai poder dizer que é viciado, que a maconha é para seu uso não é mesmo?

J2a. — E se ele for um traficante viciado?

Dr. Leitão: Certamente ele não será traficante por ser viciado. O vício não determina o tráfico. O contrário sim: o tráfico pode determinar o vício.

J2a. — E se a autoridade determinar o tratamento do viciado, como saber se ele está cumprindo a determinação?

Dr. Leitão: Bom, naturalmente ele será obrigado a dar prova de que está fazendo o tratamento ambulatorial ou domiciliar. Ele deverá comparecer periodicamente diante do Juiz, com atestados, etc. Se ele não cumprir o tratamento, o juiz poderá determinar seu internamento.

PERCIVAL DE SOUZA ANALISA O PROBLEMA DAS DROGAS.

Teorias: a revista Science, da Associação Norte-Americana para o Progresso da Ciência, publicou um relatório do doutor Avran Goldstein, anunciando o isolamento de uma importante molécula do cérebro de ratos. A nova substância, chamada "receptor de ópio", é encontrada exclusivamente nos tecidos do sistema nervoso, isto é, no cérebro ou na coluna vertebral. Os receptores são moléculas especiais nas quais as drogas se introduzem, como chaves em fechaduras. Elas podem ser encontradas também no cérebro humano de pessoas viciadas e muitos dos efeitos da heroína e da morfina são quase idênticos em ratos e outros mamíferos, inclusive o homem.

Prática: o problema das drogas é atual e complexo, mas não é exclusivo da juventude.

As causas mais frequentes que levam os jovens ao consumo de drogas classificam-se em psicogenéticas, socio-econômicas e psicológicas. O consumo de drogas não aumenta a capacidade criativa. Os educadores devem tomar conhecimento dessas pesquisas para estarem capacitados a informar os jovens que frequentemente lhes fazem esta pergunta. O problema das drogas pode ser considerado sob o aspecto preventivo, repressivo e de recuperação.

Entre a teoria e a prática se encontra a nova legislação brasileira sobre consumo e tráfico de drogas. Um dos defeitos foi a própria elaboração da lei, feita em circuito fechado, sem caráter interdisciplinar e dentro de um segredo que caracteriza todas as coisas que são publicadas apenas no Diário Oficial. Como co-

mentaria de Azevedo de São Paulo, coisa escabrosa Brasil".

O fato, a ser considerado, a lei: prescrito, aquilo, condições, atuais. Até agora, a vitória, o hábito, o outro lado, praticamente

A, O VICIADO É UM DOENTE.

UM AVANÇO, SIM". — E O DELEGADO CLÓVIS SPROSSER EXPLICA COMO A POLÍCIA AGE.

mento hospitalar.

J2a.— O sr. acredita em recuperação dos viciados?

Dr. Leitão: Bem, sim, acredito. Em boa parte dos casos.

J2a.— O problema de tóxicos, em Jundiaí, chega a ser grave?

Dr. Leitão: É, sim, bastante grave. Entre os menores, também. Sabe-se que o tráfico é feito em portas de escolas, entre jovens. Por isso que eu acho aqui que cabe um apelo aos pais, para que eles olhem mais para os filhos que os filhos estão fazendo, com quem estão andando, sabe... aliás, a nova lei prevê o agravamento da pena em um a dois terços para esses casos, de tráfico feito em porta de escola, por exemplo. E não precisa nem ser tráfico, basta ser a preparação. O pipoqueiro, por exemplo, pode estar apenas levando maconha, não precisa nem estar passando. Veja este artigo da lei. Ele prevê o aumento da pena nestes casos. Lê) "Se qualquer dos atos de preparação, execução ou consumação ocorrer nas imediações ou no interior de estabelecimentos de ensino, ou hospitalar, sedes de entidades estudantis, sociais, culturais, recreativas, esportivas ou beneficentes, de locais de trabalho coletivo, de estabelecimento penais, ou de recintos onde se realizam espetáculos ou diversões de qualquer natureza, sem prejuízo da interdição do estabelecimento ou do local"

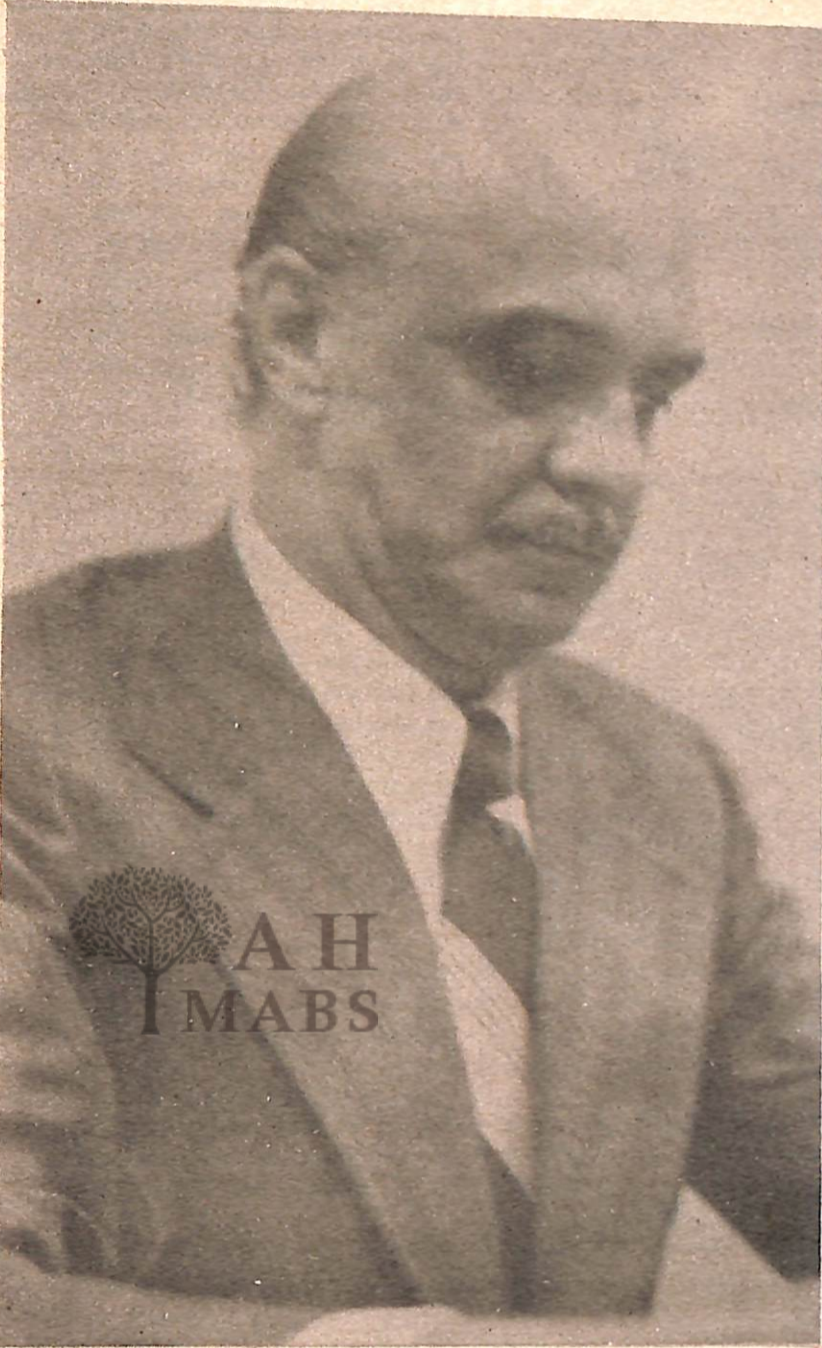
J2a.— Em sua opinião esta lei é melhor ou pior do que a anterior, mais rigorosa ou mais branda?

Dr. Leitão: Bom, naturalmente as leis vão se aprimorando, não é? Eu acho que esta lei é um passo à frente, é mais rigorosa para com traficantes, e mais branda, digamos, mais realista com relação ao viciado. E ela precisa ainda ser regulamentada em vários aspectos, há um prazo de 90 dias para isso. Acredito que ela seja um avanço, sim.

mente o desembargador José Schuchini, do Tribunal de Justiça, quem quiser manter alguma coisa no Brasil é só publicá-la no

o legislador foi inovador. De muitos problemas relacionados está no Código Penal. Ficou daqueles que elaboraram saúde e segurança. Nesse sentido que provoca maiores reações sensíveis modificações. Sabe, era comum a convicção do jovem preso com um crime e o perigoso bandido. Por viciado e viciado permaneciam no mesmo nível — mesmo por-

NOVA LEI MUDOU O PROCEDIMENTO POLICIAL



Para a polícia, as únicas alterações impostas pela nova lei dos Tóxicos são de procedimento na confecção do inquérito. Quanto ao mérito da lei, o delegado Clóvis Arnaldo Sprosser, prefere não opinar, porque não acredita que caiba à autoridade policial julgar as leis.

O delegado Clóvis, atualmente respondendo pela Seccional de Polícia de Jundiaí, durante as férias do titular, dr. Décio Funari Martins, explica:

— Antigamente, o prazo para remessa do inquérito à Justiça, era de 48 horas. Pela nova lei, passou a ser de 5 dias. Isso nos dá mais tempo para diligenciar, nos dá mais tempo para recolher provas, e se for o caso, dá mais tempo ao acusado para recolher provas em sua defesa.

Quanto à diferença de tratamento para traficantes e viciados, que pela nova lei passaram a ser diferenciados, o delegado esclarece:

— O viciado tem direito a ser libertado mediante pagamento de fiança, que é arbitrada pela própria autoridade policial. Trinta dias depois da fiança, o inquérito tem que ser remetido à Justiça. Se ele for condenado, terá direito a certas regalias, porque sua pena é de detenção, e não de reclusão. E o detento pode cumprir a pena em regime de prisão-albergue. Isto é, pode sair durante o dia para trabalhar, tendo apenas a obrigação de apresentar-se à noite, para dormir na detenção, onde ele é obrigado a assinar o ponto. Já o traficante, não. Ele não tem direito a fiança, se condenado sua pena é maior, e é de reclusão mesmo, sem privilégios.

O dr. Clóvis diz que o problema dos tóxicos em Jundiaí não é menor nem maior do que em outras cidades, "é proporcional ao tamanho da cidade"

— Hoje, infelizmente, o vício está disseminado em todas as camadas, não depende apenas do poder aquisitivo do viciado. Até mesmo no meio do proletariado encontramos viciados.

O tráfico, segundo o delegado Clóvis, geralmente é feito "por indivíduos estranhos à cidade", e embora Jundiaí não conte com uma delegacia especializada em tóxicos, o combate é feito por uma equipe de policiais com experiência nessa área.

— Não acredito que o problema em Jundiaí tenha atingido uma dimensão tal que justifique a criação de uma delegacia especializada. Acredito que com os recursos que temos à mão, e com os 3 distritos policiais em funcionamento, estejamos em condições de controlar o problema.

(Atualmente, apenas um distrito, o 2.º na Vila Hortolândia, está em funcionamento. Brevemente funcionarão o 1.º Distrito, no Anhangabaú, na atual delegacia, e o 3.º Distrito, no Jardim Pacaembu).

Segundo o delegado Clóvis, os casos de maior incidência na cidade, são os de consumo de maconha, das chamadas bolinhas (psicotrópicos em comprimidos) e das picadas, injeções na veia com substâncias entorpecentes.

— Há casos, e não são poucos, de viciados que se auto-sugestionam, e tomam comprimidos comuns, como Melhoral, dissolvidos em água. Eles são tão sugestionáveis que agem como se tivessem tomado entorpecentes.

O delegado acha que a maioria dos policiais que atua no setor de tóxicos está em condições de elaborar os laudos preliminares que a nova lei exige, para que seja lavrado o flagrante

— Pelo próprio cheiro ou manuseio, o policial é capaz de reconhecer se o acusado está transportando maconha, ou se se trata apenas de alpiste, ou cânhamo, que são casos comuns de enganos.

Jundiaí ainda não tem um laboratório que permita analisar as substâncias para permitir a confecção de laudo pericial oficial que a Justiça exige. As substâncias apreendidas aqui, são enviadas para o Laboratório de Toxicologia do Instituto Médico Legal de Campinas. Lá eles dizem oficialmente se é tóxico ou não.

Dr. Clóvis: regalias aos viciados

do que em outras cidades, "é proporcional ao tamanho da cidade"

— Hoje, infelizmente, o vício está disseminado em todas as camadas, não depende apenas do poder aquisitivo do viciado. Até mesmo no meio do proletariado encontramos viciados.

O tráfico, segundo o de-

legado Clóvis, geralmente é feito "por indivíduos estranhos à cidade", e embora Jundiaí não conte com uma delegacia especializada em tóxicos, o combate é feito por uma equipe de policiais com experiência nessa área.

— Não acredito que o problema em Jundiaí tenha atingido uma dimensão tal

que, entre outros, a Polícia costuma considerar "todo viciado um traficante em potencial"

Pretende-se, com a nova lei, apavorar o traficante, sujeito a penas variáveis de 3 a 15 anos de prisão. O viciado pode receber penas de internação obrigatória e, mesmo condenado, tem direito a fiança e sursis — desde que seja primário e menor de 21 anos. Quem estiver nessas condições e não puder pagar fiança, poderá gozar ainda do benefício da prisão domiciliar.

A nova lei criou, ainda, uma curiosa figura: o "curioso" ou "usuário eventual". Na prática, será difícil ao policial ou ao juiz estabelecer essa condição. Em todo caso, a lei prevê — teoricamente — uma brandura para todo aquele que toma drogas em caráter, digamos, "experi-

mental". Esse ser terá direito a sursis (suspensão condicional da pena).

Quanto ao "tratamento hospitalar adequado", como diz a lei, sua execução na prática será muito difícil, embora na teoria seja o ideal. Simplesmente porque até agora não se tem conhecimento de redes hospitalares ligadas aos governos estaduais em condições de oferecer esse tratamento. E as clínicas particulares cobram um preço totalmente inacessível a uma considerável (para não dizer a maioria) das pessoas presas atualmente por uso ou porte de entorpecentes.

O caráter punitivo de qualquer lei hoje é muito discutido. Em Porto Rico, por exemplo, os traficantes estão sujeitos a penas que vão de 25 anos a prisão perpétua. Mas o problema das

drogas continua sendo grave naquele país. Enfim, a nova lei entra em vigor sem que haja uma infra-estrutura para aplicá-la. Ela contém tudo o que é desejável em termos de objetivo a ser alcançado, mas se torna inexecutável em vários pontos. Ou seja: há uma diferença, como diz o secretário da Segurança, entre o utópico desejável e o realizável possível.

Percival de Souza, colaborador do Jornal de 2a., é repórter policial do Jornal da Tarde, de São Paulo, Prêmio Esso de Jornalismo. Foi o primeiro repórter da imprensa brasileira a denunciar a existência do Esquadrão da Morte, e suas ligações com quadrilhas de traficantes de tóxicos. É considerado o melhor repórter policial do Brasil.

VESTIBULAR

Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiá
fone, 434-1763

LETRAS: português / inglês (licenciatura plena)
CIÊNCIAS CONTÁBEIS - CIÊNCIAS DE EMPRESAS - PEDAGOGIA: administração escolar 1.º 2.º graus e magistério

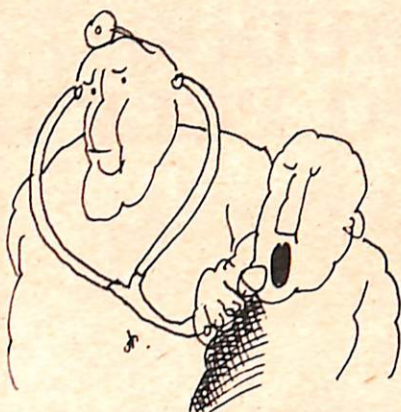
EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO/77
TODOS CURSOS RECONHECIDOS



ZONA FRANCA

OBRIGADO, DOUTOR!

Agradecemos o convite dos doutorandos da Faculdade de Medicina de Jundiá, bem como o da diretoria do estabelecimento, para a festa de formatura da turma deste ano.



ÓTIMA ESCOLHA

Sr. Tenho a satisfação de comunicar a Vossa Senhoria que o jornalista profissional Afrânio Bardari foi designado Representante deste Sindicato em Jundiá, conforme decisão de Diretoria, que atende assim ao crescimento da categoria nessa cidade.

Na certeza de contar com o apoio de Vossa Senhoria para esse novo passo do nosso Sindicato, deixo o agradecimento da nossa categoria, aproveitando o ensejo de externar nossos protestos de estima e alto apreço. Audálio Dantas, Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo.

A gente fica feliz com a escolha do Bardari, Audálio. E vai prestigiar ao máximo.

ASSIM NÃO DÁ!

Tomando conhecimento do anúncio com o título "A Cultura já tem lugar", da edição de 13 a 21 nov. pp., venho pedir a VV.SS. informações sobre a qual.

Quero também parabenizá-los pelo belíssimo trabalho já realizado; e que este tenha progresso feliz. Aparecido Lasaro Cardoso.

Pra começar, Cido, não era anúncio. Era uma reportagem sobre o Centro Cultural "Profa. Deolinda Copei". As informações podem ser conseguidas com o professor Antonio Wagner, do Colégio Ana Paes, telefone 436-4445. Quanto ao seu pedido de resposta por carta, sentimos muito mas é norma não o fazer, pois nós a publicamos. Os cumprimentos nós agradecemos muito.

GLÓRIA, GLÓRIA!

Recebi domingo o Jornal do Bairro (ou da Semana, não sei ao certo) e tomei conhecimento por um pequeno anúncio no fim da página que estão abertas as inscrições para o I Concurso de Contos de Jundiá e senti que era necessário participar dele.

Gostaria de receber mais informações, pois o anúncio não esclarecia muita coisa. Glória Di Mônaco (São Paulo)

Cara Glorinha: O Jornal foi o "da Semana" e a página era a primeira. Mas não se desespere, estamos provi-

denciando o material completo para você ficar bem informadinho.

PAULISTA E DACUNTO: ELOGIOS E SUGESTÕES.

"Como é gostoso a gente lembrar os velhos tempos da Primeira Divisão. Devorei as páginas do último número, sobre o Paulista F.C.. A entrevista com o Dacunto e a entrevista com o Nilo estavam sensacionais. Inclusive, por ali a gente fica sabendo de um ou outro detalhe curioso sobre a campanha. Por favor, continuem". Um modesto torcedor da geral tricolor.

Primeiro, foi o telefone tocando, gente dando parabéns; agora, é a carta do nosso amigo modesto. Desse jeito, isto aqui acaba virando um jornal!

"A princípio, relutei em ler aquela enormidade de linhas sobre o Paulista. Mas foi só começar e pronto, não parei mais até o fim. Mas resolvi escrever não só para dizer que gostei da reportagem (ou seria crônica-reportagem? Reminiscência?) como também para fazer uma pequena correção. Na parte em que o Wanderley Pires fala, ele menciona que o Guarani emprestou cinco jogadores: Sidnei, Cardoso, Miranda, Wagner e Aparecido. O Tião Macalé também não veio do Guarani?". Torcedor curioso.

Perfeito, foi como você descreveu o lance. Agora, resposta aqui pra gente: por que você não pôs seu nome na carta? Não faça cerimônia.

Lendo a reportagem sobre o nosso sofrido Paulista,

fiquei sabendo que esse abnegado chamado Dacunto deve ficar como massagista do clube só este ano, depois pretende descansar. Acho que deveria ser prestada uma grande homenagem a ele, em sua despedida. Esse homem fez muito pelo Paulista Futebol Clube, merece. Outra coisa: como escrevi só para fazer uma sugestão, peço não colocar meu nome, pois não estou a fim de fazer média. Obrigado". Um torcedor.

A idéia não é má. Agora, o Dacunto pode mudar de idéia.

SONHOS MAIS ALTOS

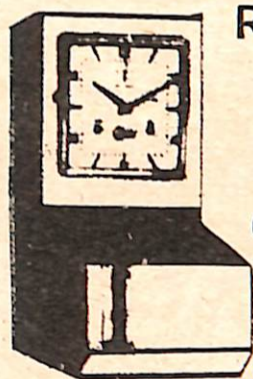
"Corre um buxixo (sic) por aí que vocês também vão partir pra essa de off-set. É verdade?". Hugo Manzani

Vamos? Já fomos e faz tempo, Hugo. É que não fizemos carnaval (nosso negócio é fazer jornal: perdão pela rima). O boato que corre por aí é que tem gente sonhando mais alto: algo assim como off-oito...

FALTA DE FOCO

"Sr. Colaborações para o "Jornal de 2a.", seção "Palavras", ou "Do Leitor". Exclusivas". José Roberto Satchetti.

Caro José, seus pensamentos exclusivos não se enquadram muito na seção "Palavras", já que ali nós transcrevemos falas não-inéditas (ou seja, coisas já publicadas). E como não temos a seção "Do Leitor", suas colaborações ficarão aguardando oportunidade. Uma sugestão: por que você não publica em pára-choques de caminho?



RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTDA

BARAO-427 FONE-6-8231

Textos
Desenhos
Anúncios
Logotipos
Folhetos
Cartazes
Comunicação Visual

Rua Dos Bandeirantes 625
Fone 6-8068 Jundiá

DECIO DENARDI

ASSINE O JORNAL DE 2ª

Basta preencher os dados abaixo e enviar para a Rua Senador Fonseca, 1044 - Jundiá

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

Anual.....Cr\$ 120,00

Semestral.....Cr\$ 70,00

Anexe um cheque nominal a favor da Editora Japi Ltda.

ANTENAS E TORRES

Instalamos antenas e Amplimatic para:

- TV branco e preto.

- TV em cores.

Vendemos e colocamos, torres. Trocamos arames ca-

ços e fios.

Av. Alvares de Azevedo,

403 - Fone: 436-2832.

Irineu Romanatto F. -

técnico.



CANSAÇO E AMARGURA AFASTAM ZITO NETTO DO FUTEBOL.

A partir do ano que vem, o futebol jundiaense vai perder um de seus maiores "abnegados" como dizem seus próprios companheiros: José Pacheco Netto Júnior, o Zito Netto. Depois de 34 anos militando nos meios esportivos, ele se confessa cansado, mas deixa transparecer uma grande amargura pelo muito que há para se fazer:

— O futebol amador sempre claudicou muito pela falta de recursos financeiros, falta de campos. E a gente tem ainha que lutar contra a ignorância das pessoas que não dão a mínima colaboração.

UM ESPORTISTA DOS BASTIDORES

Zito Netto (nascido em Taiuva, no dia 21 de maio de 1912) veio criança para Jundiaí. Quando frequentou a Escola Normal foi **halfo** do time de futebol. Formado professor em 1936, deixou os campos gramados para jogar numa posição muito mais ingrata: nos bastidores do futebol.

Ele foi do Conselho Fiscal e tesoureiro do Paulista F.C., presidente da Liga Jundiaense de Futebol (três vezes), presidente da Junta Disciplinar Desportiva das duas Ligas (de Futebol, e Futebol de Salão), tesoureiro da Liga de Futebol e presidente do Clube da Fonte.

O único clube de que foi presidente conseguiu ser hexacampeão. "Depois disso, não tinha mais nada o que jogar. Então, fechamos", diz Zito, com um indistarcável sorriso. Mas, para ele, não foram constantes as alegrias. Muito pelo contrário:

— Antes, tinha muito trabalho e muito sangue para o futebol. Hoje não tem mais nada disso. Os jogadores treinavam em casa para manter a forma física. Havia revelações de amadores que acabaram como profissionais: Dalmo, Mário Milani, Barquete, Romeu, Tiãozinho, que jogou no Corinthians. Agora não aparece mais ninguém. É só a força da idade e o gosto pela bola. Os moços vão jogar depois de ficar até as 4 horas da manhã no bar. Com isso, há muito tempo que não aparece ninguém para ir ao profissionalismo.

Mas não é só esse o problema do futebol atual, segundo Zito. O grande número de clubes também dilui a possibilidade de revelação de novos valores:

— É preciso que haja uma limitação no número de clubes porque, assim, será mais difícil para o jogador ser aceito. A necessidade de ser bom de bola vai fazer os jogadores se aperfeiçoarem, melhorando muito o nível técnico.

CLUBES DE CAMPO

Zito fala muito da importância de futebol em termos recreativos. Clubes de campo mantidos por empresas é uma de suas idéias para isso:

— O moço tem que fazer alguma coisa. Não dá para ir sempre à praia. Então ele pega uma bola e vai jogar em qualquer barranco. Se tiver um clube de campo para passar os fins de semana jogando com um pessoal mais ou menos fixo, dali pode surgir um time para disputar no campeonato da cidade.

FALTAM JUÍZES

Contudo, existem obstáculos muito mais graves que estão fazendo definhar cada vez mais o futebol amador. Zito fala deles:

— Os problemas com relação aos clubes, é possível a Liga resolvê-los. O árbitro é o ponto crucial. Os atuais estão ficando cansados e não há revelações. É preciso organizar concursos de árbitros. Nós contamos com apenas quatro juizes classe A que apitaram os campeonatos Varzeano e Amador da cidade. É muita coisa. Além disso, a Liga não tem secretário executivo, obrigando os diretores a cuidar de tudo. Quantas vezes não tive de fechar meu escritório para correr atrás de juiz e de campo.

Zito só vê uma alternativa para que o futebol amador não acabe de vez:

— O Poder Público tem que dar cobertura. Os dois estádios municipais são muito pouco. Seria preciso dividir a cidade em áreas e construir um estádio em cada uma, mais quatro campos são suficientes. O futebol só pode melhorar se houver mais estádios e jeito de aperfeiçoar os atletas.



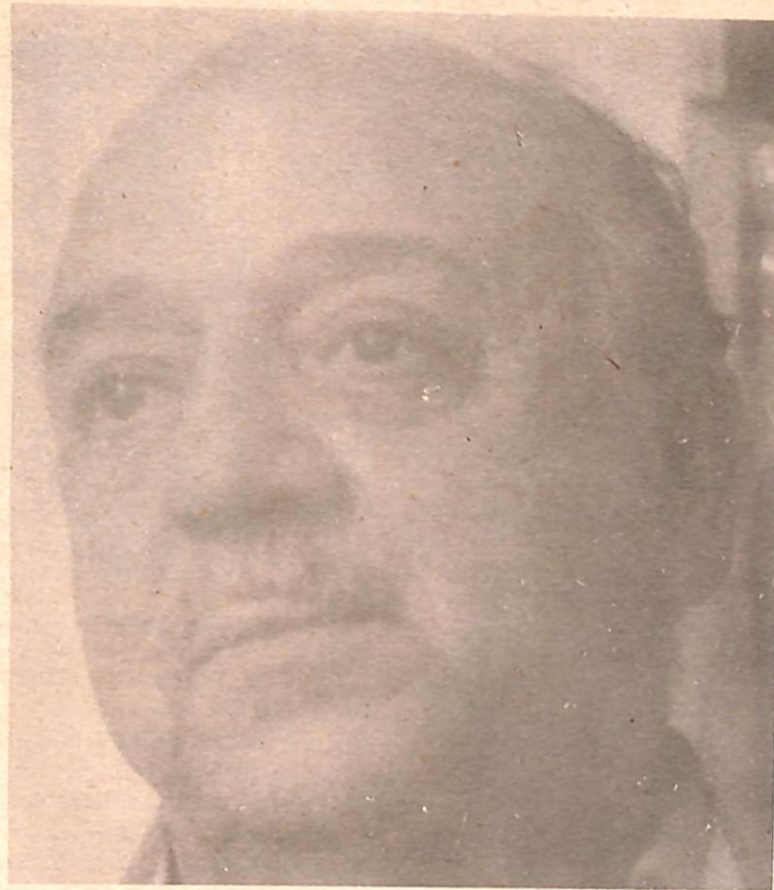
PÚBLICO

Para Zito, o público que sempre prestigia os campeonatos travados em condições precárias (falta de estádios, falta de segurança nos campos abertos) vai continuar. O futebol-pinga, uma dupla de todas as manhãs de domingo, não é nenhum modernismo:

— Os saudosistas — diz ele — falam que antigamente era melhor, mas não é verdade. O público continua o mesmo: entusiasmado e sempre apaixonado, levando tudo da mínima à máxima consequência. Os torcedores vão aos campos, gritam, xingam, às vezes brigam e bebem. Mas como impedir a venda de pinga se a gente sabe que é aquele dinheirinho arrecadado que paga depois a lavagem das camisas?

"O futebol amador — comenta — está nas mãos do Poder Público. Eles podem dizer que fica caro, mas é dinheiro do povo para o próprio povo. A população tem direito a isso. E se hoje é difícil, no futuro vai ser impossível".

Cansado — "é preciso dar chance aos jovens", esclarece — e com uma amargura que não consegue esconder, Zito vai definitivamente "pendurar suas chuteiras" assim que terminar o mandato dessa diretoria da Liga, em janeiro. E o nosso futebol morrerá mais um pouco.



Zito Netto: cansaço e amargura.

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone: 434-8648

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n — J. Messina
Fone: 4-1666



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72



VARIEDADES

DUELO DE GIGANTES, O MELHOR ENTRE DRAGÕES, VIÚVAS E CAPETAS.

"Duelo de Gigantes" com Marlon Brando e Jack Nicholson, é o único filme recomendável da semana. Vai ser apresentado nos dias 18 e 19, no Marabá. Mas isso não quer dizer que os cinemas ficarão vazios nos outros dias. O faturamento está garantido por algumas viúvas, um dragão e um caipira muito vivo.

Escolham:
Como Consolar Viúvas — A partir do dia 11, no Marabá. (Entra no lugar de "Taxi Driver", que fica para janeiro. Diz o cinema que é para cumprir a lei de obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais. Desculpa meio esfarrapada. Por que não cancelam, por exemplo, "O Dragão Chinês?"). A história de um cidadão se desdobrando para atender a três viúvas (Zélia Diniz, Varmarline e Lourênia Machado). Exibido simultaneamente com São Paulo. É o progresso explodindo de minuto a minuto.

Duelo de Gigantes — De Arthur Penn, com Marlon Brando e Jack Nicholson. Veja detalhes ao lado. Também apresentado simultaneamente com São Paulo (olha o progresso explodindo de novo.)

O Dragão Chinês — Dias 13 e 14, no Ipiranga. Não confundir com "O Dragão da Lanterna Vermelha", que também está a caminho de Jundiá.

Meu Nome é Três Sete — Dias 15 e 16, no Ipiranga. Da Pelmax, colorido.



Sandra Barsotti e José Wilker

O número do artista principal é George Hilton.

Jeca Contra o Capeta — Dias 17 e 18, no Ipiranga. Quem disse que é com Mazaroppi acertou. Comédia que inspirou um pessoal dos Estados Unidos a fazer um filme também não muito sério chamado "O Exorcista".

Confissões de Uma Viúva — A partir do dia 19 Com Sandra Barsotti, José Wilker, Celso Faria e Miriam Pérsia. Não confundir com "O Quarto da Viúva", "Como Consolar Viúvas", "A Viúva Virgem" ou ainda, "A Viúva Alegre". Informação importante: o produtor chama-se Victor Di Mello. (AF)

O duelo



Marlon Brando (esq.) e Jack Nicholson em "Duelo de Gigantes".

O rancheiro David Braxton (John Mc Liam) só via um remédio eficaz contra os ladrões de cavalos: uma corda e um galho de árvore. E, quando a quadrilha de Tom Logan (Jack Nicholson) começa a dar mais trabalho do que o esperado, ele convoca o "liquidificador" Robert Lee Clayton (Marlon Brando), um assassino profissional. Começa, então, entre ele e Logan, o duelo prometido pelo título.

As opiniões são divididas pela crítica: há quem ache o filme enfadonho, sonolento, e há quem chegue ao ponto de considerá-lo um dos melhores do ano. Num ponto, porém, todos concordam: a interpretação de Jack Nicholson é excelente, bem melhor que a de Marlon Brando. Atenção para o principal momento do filme — o da morte de um dos "gigantes": um surpreendente "close-up", numa solução original que foge à tradicional pancadaria derradeira dos faroestes.

OS ATORES

São dois dos maiores atores do cinema de todos os tempos. Marlon

Brando, detentor de dois "Oscars", e Jack Nicholson, que acaba de receber o mesmo prêmio por sua inescusável atuação em "Um Estranho no Ninho". Eles foram reunidos pela primeira vez para a interpretação desse drama de Elliot Kastner, produzido para o cinema por outro dos chamados monstros sagrados, Arthur Penn. Filmado às margens do rio Missouri e nas montanhas do Estado Americano de Montana, "Duelo de Gigantes" apresenta ainda, em papéis de destaque, Randy Quaid, Frederick Forrest, Harry Dean Stanton, Sam Gilman e a bonita Kathleen Lloyd, que, depois de alguns papéis em seriados de televisão, tem aqui sua grande oportunidade, como a filha de um rancheiro que se apaixona por um ladrão de cavalos, interpretado por Nicholson.

Arthur Penn, para quem não se lembra, é o diretor de "Mickey One", "Bonnie & Clyde", "Caçada Humana", "O Milagre de Anna Sullivan" e "O Pequeno Grande Homem".



Walt Disney e algumas das criações.



DEZ ANOS SEM DISNEY

No Natal do ano passado, "Branca de Neve e os Sete Anões" foi relançado nos Estados Unidos pela quinta vez e levou aos estúdios Walt Disney a soma incrível de onze milhões de dólares nos primeiros 14 dias de exibição. Iniciando sua carreira quando os ingressos custavam dez cents, o aluguel desse filme em todo o mundo arrecadou 60 milhões e 200 mil dólares. E ainda está em 29.º lugar na lista dos campeões de bilheteria de todo os tempos.

O responsável por esse sucesso morreu há dez anos (aos 65 anos de idade), no dia 15 de dezembro de 1966; hoje, seus sócios acreditam ter encontrado uma nova geração de artistas capazes de reviver a velha magia.

Essa busca de novos artistas "que dessem continuidade aos filmes com a qualidade Disney para outra geração", como diz Wolfgang Reitherman — escolhido por Disney para sucedê-lo no controle dos desenhos animados — começou em 1971, com o dinheiro da renda de "Os Aristogatas". Foram vasculhadas escolas de Belas-Artes em todo o país, centenas de pastas de desenhos foram examinadas; mais de 60 jovens que demonstraram talentos para expressar-se pelo traço e desenho foram postos num programa de treinamento chefiado pela equipe principal de animação do estúdio. Em quatro semanas, cada desenhista tinha de produzir uma obra animada para demonstrar sua habilidade nesse meio de expressão. Chuck Harvey, de Nova York, por exemplo, animou um personagem tentando arrancar uma erva do chão. Na visão de Harvey, a erva revela ser um monstro e devora o personagem que quer arrancá-la. Depois o monstro se retira para dentro da terra e toma novamente a forma de uma erva brotando do solo, à espera da próxima vítima.

Desses aspirantes, nove — entre eles Harvey — foram promovidos à categoria de animadores. Ao contrário de alguns da primeira geração, que foram a Disney sem qualquer formação além do ginásio, todos os nove jovens tinham algum tipo de educação formal pois haviam frequentado escolas que

iam da Art Students League, de Nova York, até a Universidade do Hawai. A idade varia de 22 a 38 anos. Todos estão agora animando o último desenho de Disney, "The Rescuers", sobre um bando de camundongos que salva uma garota sequestrada. Será exibido no segundo semestre de 1977.

O COMEÇO

Na época da depressão, um grupo de talentosos jovens artistas que não conseguiam os empregos para os quais haviam sido treinados empregaram-se num pequeno estúdio de desenhos animados em Hollywood. Um arquiteto, um produtor de rádio e alguns pintores, ilustradores de livros e desenhistas publicitários. Com desafio à Depressão, todos os americanos ainda cantavam "Quem Tem Medo do Lobo Mau?", juntamente com o tema de "Os Três Porquinhos", e aplaudiam Mickey Mouse. Disney, o dono do estúdio, tinha pouco mais de 30 anos e queria fazer um desenho de longa-metragem baseado num conto de fadas de tradição medieval e que fora transcrito pelos irmãos Grimm: "Branca de Neve e os Sete Anões". Jogou o futuro de seu estúdio nessa produção e os resultados foram os melhores possíveis.

— Com os lucros de "Branca de Neve" eu construí o novo estúdio — contou Walt Disney, certa vez — O estúdio terminou custando cerca de 3 milhões de dólares.

E foram surgindo os outros filmes que ajudaram a construir o império Disney: "Pinocchio", "Dumbo", "Bambi", "Cinderela", "Alice no País das Maravilhas", "Peter Pan", "A Dama e o Vagabundo", "A Bela Adormecida", "A Guerra dos Dálmatas", "A Espada é a Lei", etc. Nenhum deles, no entanto, superou o sucesso do primeiro.

Disney morreu quando estava sendo produzido "Mowgli, o Menino Lobo". Mas desde 1930 já não era ele quem fazia os desenhos. Era sua primeira geração de desenhistas, conhecida como "Os nove velhinhos".

QUE DEUS O TENHA

Walt Disney foi um sujeito mitificado, idolatrado e endeusado pelos meios de comunicação oficiais, que quase o erigiram à condição de Irmãos Grimm do século XX. Não compartilho desse entusiasmo. Disney, na verdade, era um desenhista pouco mais do que incompetente, que conseguiu organizar um vastíssimo estúdio, explorando o trabalho de desenhistas talentosos, mas que no entanto sempre permaneceram anônimos, tolhidos em sua criatividade, obedientes aos rígidos padrões da grande fábrica Disney.

Além disso, os personagens que criou não são flor que se cheire. Patinhas é um milionário pão duro e quase escravagista. Donald, um submisso. Mickey um chatíssimo ajudante-de-polícia, moralista, pequeno burguês e quase dedo-duro. Pateta, um pobre idiota. E daí por diante.

Há que respeitar os mortos, isso é tradicional. Todo respeito a Walt Disney, o perspicaz homem de negócios. Mas nenhum respeito à sua herança ideológica. (S.V.)

A cidade tem mais um grupo de teatro. Com uma nova proposta.

"O Grupo", formado por estudantes, está estudando teatro há quase um ano para, desde que todos se sintam preparados, montar uma peça e apresentá-la ao público. Essa forma de trabalho, que teve como início o teatro grego para chegar no contemporâneo, é contada por Pedro Fávaro Júnior, um dos líderes:

O que queremos é um teatro atuante. Livre de compromissos a não ser com a própria arte. Um teatro amador e consciente. Para isso, estamos estudando desde março. Esses estudos são programados por nós mesmos e se pudéssemos compilar tudo que fizemos, teríamos um curso de teatro. O ponto de partida foi o estudo do teatro grego, por funcionar como ponto de referência de um teatro ocidental. Estamos trabalhando para o teatro de vanguarda. Mas o nosso, o brasileiro. Um trabalho que se assemelhe ao de Augusto Boal. Mais ou menos como Guarnieri".

No momento, o grupo

não se preocupa com a divulgação de seus trabalhos. Diz que não quer nenhum tipo de alarde, mesmo porque se quisesse, já teria conseguido alguma promoção dos jornais locais. No princípio não foi muito fácil. Começaram seus trabalhos numa garagem e hoje o maestro Mário Comanduli já lhes garante um andar inteiro, no prédio da Sociedade Musical Pio XII, todos os domingos pela manhã, onde ensaiam a partir das nove horas. Pedro dá a sua opinião sobre o problema do teatro em Jundiá:

— O que existe em Jundiá é uma confusão muito grande. Os grupos daqui ainda não souberam distinguir o teatro amador do estudantil ou profissional. Isso faz com que o teatro em Jundiá não seja atuante, nem possa conscientizar as pessoas. Jundiá tem um mercado para teatro muito bom. Considero o teatro essencialmente popular. Existe uma preocupação em trazer peças para cá mas a maioria, são comerciais. As companhias vêm pa-

ra compensar o prejuízo tido na Capital, sem se preocupar com a realidade de Jundiá. Os que vêm de fora, se entusiasmam não só pela receptividade como pela renda obtida. Nossa maior dificuldade é a financeira. Temos a pretensão de montar a peça de Guarnieri, "Um grito parado no ar". Fizemos muitas encenações mas só para estudo".

"O Grupo" é formado por Pedro, sua esposa, Sônia Maria, Antônio Veloso da Silva, Nadia Calcioli, Décio Viotto, Lázaro Tadeu Costa Gomes, Márcio Pines e Zuleika Fernandes. Depois de alguma divergência interna tudo está em completa harmonia entre eles:

"Levamos um ano para atingir uma verdadeira estrutura grupal, talvez tenhamos mais outro para podermos montar a peça, mas o que nos interessa, é que estaremos suficientemente prontos até lá", finalizou Pedro.

Carole Chidiac



Pedro Fávaro Jr.



"O Grupo" estuda para representar.



João Cunha expõe na Jundi-Hobbies.

O desenhista João Cunha estará expondo na Jundi-Hobbies (rua do Rosário, 660) várias de suas obras mais recentes e outras que já tem há algum tempo: Paisagens, Cabeças e Ligações. A vernissage será às 21 horas do dia 18.

João tem 23 anos e nasceu em Paraíso — SP. Profissionalmente, iniciou sua carreira há seis anos e já realizou diversas exposições. O equilíbrio homem-natureza e as discussões e consequências dessa ligação, são as temáticas do trabalho de João — um fusão de desenho e pintura.

Ele fala de sua formação e atitude artística:

— Passei por uma escola acadêmica mais não absorvi muito, pois acredito que a minha formação cultural não tenha nenhum compromisso com a formação clássica ou acadêmica. A minha escola foi o meu próprio trabalho de desenvolvimento de idéias, proposições, poemas gráficos e outras vivências artísticas. Minha formação cultural, como todas, é uma fusão de informações — nada passa despercebido — eu discuto e procuro consumir — nunca ser consumido.

"Não é necessário — explica — determinar uma finalidade na obra, no ato de passar para o papel, seja em literatura ou na pintura ou na música, você já concebeu a idéia, a coisa está criada.



João Cunha

Se há algum compromisso é depois".

João acredita que tão importante quanto criar, é manter um diálogo com o espectador:

— Os meus trabalhos não são obras santificadas, mumificadas ou prontinhas para serem consumidas. Elas mexem com os sentidos e com a sensibilidade, levando os indivíduos ou a se identificarem com os elementos, ou a absorverem a energia que os quadros transmitem".

Como define Ivo Costa Mesquita — crítico de arte — "o resultado disto é um trabalho que define um artista inquieto, que sai em busca de uma experiência de vida na poética do desenho e da pintura, assumindo os compromissos que isto implica".

PROGRAMA

Restaurantes: "camarão à Mary Stuart" é a sugestão do Haiti. O prato é composto de camarão, creme de leite, manteiga, champignons, flambado com whisky e deve ser acompanhado de arroz branco. Para beber, o vinho branco da casa. Endereço: rua do Rosário, 539. Aceitam cartão de crédito e cheque especial.

Clube Jundiense: a próxima promoção será, o Reveillon, para qual o Bar e Restaurante do Clube está recebendo adesões, pelo telefone 436-2327, até 23 de dezembro. O menu será composto de "salpicão de frango", "leitão à brasileira", "perú à califórnia", arroz branco, frutas natalinas e champagne.

Grêmio: dia 18, Baile dos Veteranos — uma promoção do Clube Beneficente e Recreativo Vete-

ranos de Jundiá. Dia 19, brincadeira dançante com o "Brazilian's Band".

ACRE: Baile de Aniversário sábado, com a participação de Moacir Franco e seu conjunto, e da cantora Rose.

Nacional: Baile Carnavalesco com o conjunto "Biel Boys", sábado.

Jovem Banda: Baile dos Casados com a "Orquestra Real", dia 18 e brincadeira dançante com o "Elétrica Sound" no domingo.

Caxambú: Baile de Encerramento, dia 18 com "Young Brothers".

434-8648



“Há coisas na vida que não se faz por dinheiro, que o dinheiro não paga”.
(Glória Swason, ex-atriz)

“Futebol é uma coisa séria, e imprensa é coisa mais séria ainda. Esqueceram-se facilmente — enquanto saboreavam tranquilamente a comida portuguesa — o que tem representado este jornal para o Paulista Futebol Clube durante o correr dos tempos. Não tanto pelo que publicamos em nossas páginas, exercendo o nosso direito e dever (...), mas pelo que — confessamos — deixamos muitas vezes de publicar, para não dar a extrema-unição no agonizante Paulista Futebol Clube”.
(Jornal da Cidade, 28/11)

“Se um jornal é tão bom quanto os serviços que ele presta, o Jornal da Cidade é tão bom quanto os homens que nele trabalham”. (Prefeito atual, JC de 27/11)

“Tive que fazer uma opção dentro do tempo de que disponho. Se eu cantasse todos os dias do ano num circuito universitário, não conseguia juntar 200 mil pessoas; o máximo que vendi em discos foram 200 mil cópias”. (Chico Buarque)

“Desde 66 ou 68 não paro de fazer novela. Estou muito cansada, preciso de uma recauchutagem mental. Porque não é o trabalho físico que cansa, mas o trabalho mental de você tirar a sua personalidade e colocar a de um novo personagem em você, de decorar, de viver emoções que não são as suas. Isso cansa muito”. (Heloísa Mafalda, atriz)

“Eu, como em todas as pessoas que entram num palco e tomam contato com o público, não me sinto à vontade. É difícil superar a timidez. Antes de entrar em cena e cantar, tenho medo de não ter voz. Esse medo é difícil” (Mercedes Sosa, cantora argentina)

“Houve até um caso — você não vai acreditar — de um jogador famoso, desses figurões que vêm de time grande, já em fim de carreira (vou até omitir o nome dele, para não ficar chato), que chegou ao vestiário no fim do jogo que a gente perdeu de 3 a 1 e perguntou pra mim: “Quanto foi o jogo, hein? Imagine, ele estava lá no campo, jogando e não sabia o resultado”. (Dacunto, massagista do Paulista F.C.)

“A favela é um lugar esquisito e o prefeito daqui é o diabo”. (Carolina Maria de Jesus, escritora)

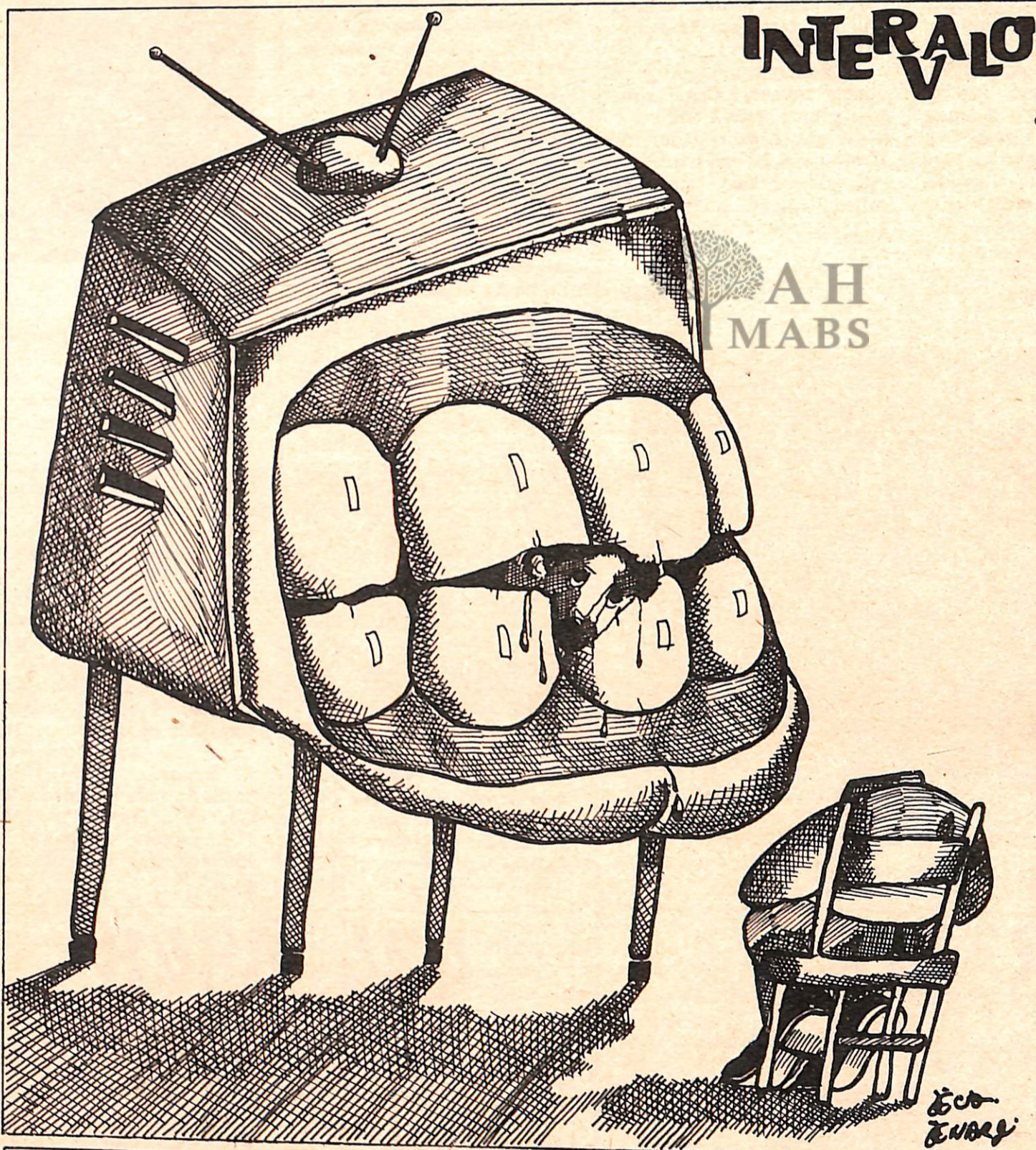
“Sinto uma necessidade irresistível de ter sempre algo em minha mão. Às vezes, preciso dormir segurando uma das minhas bonecas de pano”. (Kate Hansen, atriz)

“Se eu for enfileirar tudo o que escrevi — crônicas, contos, etc. — letra por letra, daria para envolver o Brasil inteiro. Às vezes eu me pergunto: e daí? Isso ajudou alguém?”. (Helena Silveira, jornalista)

“O goleiro pode fazer careta, fixar os olhos no adversário para intimidá-lo, balançar o corpo, pular para um lado, na sorte. Mas, se a bola for bem chutada, não há defesa”. (Gilmar, ex-goleiro da seleção brasileira)

“Acho extraordinário o que o Ibis fez em Jundiá e para mim Fávoro terá que continuar com a administração dele”. (José Ritto, Jornal de 2a., 29/11 a 5/12)

“Não se iluda/, amigo velho/ vai nessa não/ Certo mesmo é o ditado do povo/ Pra cavalo velho/ o remédio é capim novo”. (Luis Gonzaga, em seu novo disco)



PUFFS

Badoglio é a confusão entre generais italianos.

Recôncavo é uma vasilha curva onde se guarda azeite de dendê.

Marzipan é um animal que se alimenta de filhotes de raposa.

Tabaréu foi um filme de Mazaroppi que obteve grande sucesso.

Pompéia foi uma rainha que tinha um gênio explosivo.

Calhau é um filé de peixe muito apreciado por jornalistas.

Boicote é um felino que vive nas padarias americanas.

Fariseu significa cachorro, ao pé da letra.

Gangorra foi uma cidade italiana destruída por terremoto.

Vindima é uma bebedeira entre sicilianos que sempre termina em morte.

Litografia é um tipo de literatura pesada.

Jaez é uma pedra para revestir sepulturas.

Leporino foi um orador muito complexo.

Jubileu é um famoso leão de prata.

Cangaço é uma espécie de tremor que ataca os fazendeiros.

Morituri foi o autor da saudação fúnebre a Nero.

Jactância foi a primeira empresa aérea alemã.

Verdugo sofreu muito por ser vegetariano.

Zarteu

ASSINE O JORNAL DE 2ª DISQUE: 434-8648



MAIS UMA DESPEDIDA DE PELÉ

A Warner já está programando a nova despedida — ou despedidas — de Pelé, marcada (s) para outubro do ano que vem, quanto termina o contrato do jogador com o Cosmos.

Ela pretende fretar um DC-10, enchê-los com o jogadores, parentes e convidados, e sair pelo mundo disputando durante duas semanas quatro jogos, um em cada um dos principais continentes — América, Europa, Ásia e África.

O último desses jogos seria em Nova Iorque, contra o Santos. Pelé atuaria meio tempo com a camisa do Cosmos e meio com a do Clube que o lançou. Simbolicamente, significaria a devolução do jogador ao Santos e ao Brasil.

Segundo nossos cálculos, essa ainda não será a milésima.

MANCHETE

Um safadinho qualquer entrou na redação deste semanário e afanou a bolsa de uma funcionária.

Ah, um dia a gente vai ter página policial pra fazer aquela onda!

BRASÍLIA INFORMA

Está no *Jornal de Brasília* de 2/12: os prefeitos que deixarem para o seu sucessor ônus insuportáveis em decorrência da má aplicação dos recursos do Fundo de Participação dos Municípios poderão ser severamente punidos pelo Tribunal de Contas da União, inclusive com o sequestro de seus bens, de acordo com decisão normativa baixada pela Corte.

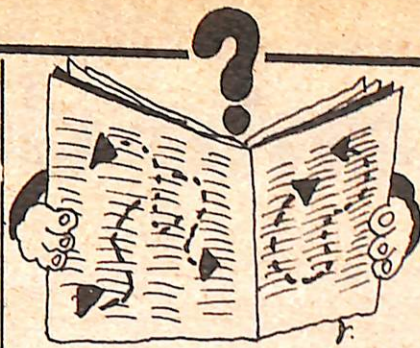
O TCU, com essa medida visa, principalmente, disciplinar a aplicação dos percentuais obrigatórios da FPM, neste final de exercício, quando os atuais prefeitos deixam seus cargos. Segundo a decisão, tendo ficado saldo financeiro disponível suficiente para complementação dos percentuais mínimos obrigatórios não cumpridos, será determinado que a prefeitura providencie a inclusão daqueles percentuais no programa de aplicação ou na respectiva reformulação, tudo relativo ao exercício financeiro subsequente ao da apreciação das contas.



OF COURSE

Desde o número passado, você já está lendo o "Jornal de 2a." feito em casa, isto é, impresso em equipamento próprio.

Off set, of course. (E.M.)



INSTRUÇÃO DE USO

Para entender o n.º 76 do "Jornal de 2a.", tal qual ele foi concebido originariamente, proceda do seguinte modo:

Na página 3, a matéria intitulada "Os derrotados falaram" leia na seguinte sequência: primeiro a primeira coluna; pule depois para a terceira; em seguida, volte para a segunda coluna; finalmente, leia a quarta coluna. Tente, você vai gostar.

Na página 13, a entrevista com o pintor Isaias já está mais difícil. Sugerimos que você compareça à redação do "J 2a." e a gente explica pessoalmente. Porque, da forma como foi publicada, nem nós conseguimos encontrar a ponta do fio.

Perdão, Newton. Perdão Isaias. Perdão, leitor. (E.M.)

PARABÊNS, ZÉZINHO!

Semana passada, a pessoa que mais recebeu cumprimentos foi o Zézinho Fotógrafo, pela vitória do Corinthians no Maracanã. Ele assistiu ao jogo nas arquibancadas, e comentou a loucura da torcida corintiana:

— Aquilo estava demais. Quando o Corinthians entrou em campo, parecia que o Maracanã estava caindo. Agora, vem gente dizendo que sempre foi corintiano. Mas, eu não aceito. Eles pensam que é assim, vai entrando e tudo bem. Não é nada disso. Primeiro, precisa saber se tem vaga na torcida, depois a gente faz um levantamento da vida do sujeito pra saber se sempre foi corintiano. Se foi, tá certo. Pode torcer.

Zézinho embarcou sexta-feira para Porto Alegre, onde assistiu a final do Campeonato Brasileiro. Para não perder o costume, municiado com muitas "ampolas". (Kazuo).

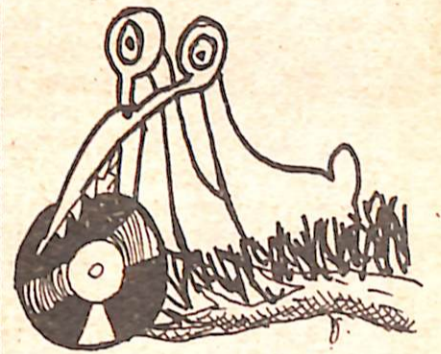
PS: Para evitar mal-entendido, "ampola", no vocabulário corintiano, é garrafa de cerveja. Nesse caso, sempre em enormes quantidades.

QUE SERÁ?

Embora ninguém tenha confirmado a notícia segundo a qual o LP "Meus Caros Amigos", do Chico Buarque, não seria reeditado, para no ar uma dúvida sobre o futuro do disco.

Tanto assim que a censura federal proibiu a transmissão da faixa 1 do lado A ("Que Será? — Flor da Terra") pelas emissoras de rádio. Essa música foi composta para o filme "Dona Flor e Seus Dois Maridos". E agora está proibida.

Por que será? (E.M.)



EDITORA JAPI

ASSEMBLÉIA GERAL



Ficam os sócios da Editora Japi Ltda convocados para uma assembleia geral a se realizar na sede da sociedade às 10 horas do dia 18 de dezembro, para discussão de assuntos de interesse da firma, inclusive modificação dos estatutos.

A Diretoria.

Advocacia

dr. Ademercio Lourenção

dr. Alcimar A. de Almeida

dr. Francisco V. Rossi

R: SIQUEIRA DE MORAIS N-578 1 ANDAR EDIFICIO MARUJ

ESTRUTURAS METÁLICAS

PROJETO - EXECUÇÃO - MONTAGEM

Plataformas — Estruturas Leves e Pesadas "Shed - Duas Aguas - Arcos"

Zomignani & Cia. Ltda.



ESCRITÓRIO JUNDIAÍ: PRAÇA GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO, 24 CAIXA POSTAL, 601 — FONE, 6-5441

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 436-1541

AÇOUGUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicilio
Fone -6-4880

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 — 60,00
Bola futebol n.º 2 — 74,00
Bola futebol n.º 3 — 97,00

FOTO GELLI
Rua do Rosario, 334
Fone 4-2253

FOTO LUIZ
Agora em novas instalações.
Rua São José, 22

XEROX
também é com o **FOTO ZEZINHO**
ROSARIO 523 - FONE 6 3795

NOVIDADES/
Charme
CALÇADO/
ROSARIO.626

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO



Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398, 434-6598 e 434-6798.

O Concurso de Contos visto por gente do ramo.

O Concurso de Contos que o "Jornal de 2a.-Feira" está realizando tem como principal meta a descoberta de novos talentos e o incentivo a literatura em Jundiá. Não existe limite de idade ou de nível de escolaridade, portanto os que tiveram vontade de mostrar algo que tenha criado já tem sua oportunidade. O prêmio será de 3 mil cruzeiros ao primeiro colocado, de 1.500 ao segundo e de 500 cruzeiros ao terceiro. Com respeito ao Concurso de Contos, as opiniões de professores, de participantes da Academia Feminina de Letras de Jundiá e de cronistas jundiáenses:

Benedito Marchi — Benito — professor de Português do Instituto de Educação Experimental de Jundiá e do Colégio Técnico — "Esse concurso é importante porque desperta nas pessoas, principalmente no jovens, a capacidade de criar, a capacidade de leitura, hoje esquecida. Há muita gente boa esperando uma oportunidade de mostrar sua capacidade e esse concurso vai dar a todos a chance de mostrar realmente quem possui dons para criar. Acho ainda que quem se candidatar, não deve fazê-lo, visando ao prêmio, mas sim querendo mostrar o que tem de bom a oferecer aos leitores, um pouco de sua brasilidade, um pouco da nossa linguagem, tão esquecida atualmente. O Jornal não deve parar nesse concurso, deve realizar outros, como por exemplo, um concurso de poesias".

Durval Fornari — professor do Colégio Técnico de Jundiá, do Colégio Divino Salvador e assistente social do Sesi — "Para mim, o concurso de contos é um excelente tipo de trabalho literário. Quando se pensa em fazer algo sobre literatura, é de importância vital que se dê oportunidade das pessoas fazerem algo de aproveitável. Eu acho que se o jornal tivesse somente escrito sobre literatura, este seria um

trabalho incompleto. O conto é bom, porque não é tão extenso quanto um romance, e em pouco tempo pode-se apresentar um trabalho de grande valor. A leitura é uma coisa muito importante e esse concurso vai estimular a leitura tanto daqueles que participaram quanto dos leitores em geral. Seria muito bom também outras iniciativas no campo das artes".

José Leme do Prado — cronista. "O concurso de contos é uma idéia louvável sobre todos os aspectos. Acho que já veio até tarde e está de parabéns o Jornal de 2a. por essa magnífica iniciativa. É dever da imprensa divulgar os valores da comunidade, e nada melhor do que despertar nos 25 mil estudantes de Jundiá, o interesse pela participação em um concurso dessa natureza e sem nenhuma forma de gastos, além da oportunidade de ver seu trabalho divulgado. Dou meus melhores parabéns ao Jornal de Segunda por essa iniciativa e espero que a mocidade de Jundiá compreenda o esforço de seus dirigentes e participem, porque um povo vale pelos valores intelectuais, enfim por aquilo que ele tem dentro da cabeça e não apenas pelas suas realizações de concreto armado".

Mercedes Cruañes — coordenadora e orientadora do Colégio Professor Luiz Rosa e

diretora substituta da escola **Benedita Arruda**. "Super válido, porque a turma que escreve não tem condição de publicar suas criações ou não tem oportunidade de concorrer, pois os concursos são geralmente de âmbito estadual ou federal. Além de tudo, o jornal vai premiar os três primeiros colocados, mas acho que a importância não está no prêmio, só a classificação, o fato de ter participado, de ver seu trabalho valorizado vale a pena. Essa idéia não deve morrer nesse concurso, mesmo que encontrem dificuldades, porque essa iniciativa é demais importante".

Olga Mathion, defensora da cadeira n.º 8 da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá. "A literatura divulgada pela promoção de concursos é um meio de se chegar ao planejamento para se descobrir os valores imanifestos. O conto não deixa de ser o gênero da literatura que melhor se aplica à divulgação, portanto o contista se revela escritor pelo estilo próprio e pela liberdade que o conto lhe oferece na faixa de criatividade. Ele é muito importante também para o escritor desconhecido, que escreve e guarda suas produções na gaveta, porque num concurso de contos ele vê uma abertura para si mesmo. Esse concurso de contos traz muito contentamento para as Academias de Letras.

Paulo Vieira — professor de Português do Instituto. "Essa iniciativa vai dar oportunidade a muita gente que tem vocação de manifestar e não encontra como. São pessoas que em outras circunstâncias jamais seriam conhe-

cidas. Para uma cidade de baixo nível cultural que é Jundiá, uma iniciativa dessas vai de um certo modo, despertar o interesse pela literatura, que resume em si mesma toda a nossa existência. Se a comissão que julgar os trabalhos tiver objetividade, o 1.º lugar valerá muito mais do que o prêmio que lhe será dado. O mais importante é a projeção pública, bem como a descoberta de um valor literário. Essa iniciativa é altamente educativa".

Yaci Martinho Camargo — ex-professora de Português do Instituto de Educação Experimental de Jundiá. "É uma interessante e ótima idéia a do Concurso de Contos, porque eleva o padrão cultural da cidade. A iniciativa é boa partindo do jornal, pois só trará consequências favoráveis, podendo com isso se descobrir novos talentos. Não se deve parar, deve-se continuar incentivando a literatura da cidade para que todos escrevam e para despertar também a atenção dentro das escolas".

Paulo Bevilaqua — professor de Português do Instituto de Educação Experimental de Jundiá e da Faculdade de Letras de Jundiá "Qualquer iniciativa à literatura jundiáense é válida, com promoção de contos e poesias pelos jornais, isso porque existe muita gente que tem coisa escrita e não tem oportunidade de vê-la julgada. Outros ainda precisam de estímulo para escrever, têm possibilidade de criar, mas precisam de um incentivo. O conto é um tipo de literatura que vai bem para a nossa época e que, portanto, incentivá-lo

é incentivar a nossa literatura que está em desenvolvimento e que precisa sempre se desenvolver. Espero que o jornal tenha outras iniciativas como esta".

Guilherme Enfeldt — cronista do Jornal de Jundiá. "O Concurso de Contos é uma necessidade, deve ser feito constantemente, porque hoje nós lemos muito pouco. O conto obriga o sujeito a ler pelo menos alguma coisa, e ele sendo realizado constantemente e com o apoio das escolas é uma coisa muito boa, porque além de tudo ajuda o aluno a ter um estilo próprio. Eu acho importantíssimo o incentivo aos jovens, porque só assim, com concursos é que eles vão adquirir gosto pela leitura. Existe um ditado que diz: "O Homem que lê vale mais e o que não lê não vale nada".

Josefina Rodrigues da Silva — Jorosil — pertencente a Academia Feminina de Letras de Jundiá. "A idéia do Concurso de Contos é excelente, e depois tudo que incentiva a literatura é muito bom, porque Jundiá nesse campo é muito pobre. É preciso fazer algo de cultura jundiáense e qualquer movimento nesse sentido só pode ser louvável. A Academia Feminina de Letras de Jundiá já fez concursos e atraiu muita gente, e nesses concursos foram dados como prêmios algumas medalhas e isso é um ótimo incentivo. Existem ainda outros concursos, como o do Unibanco, nos quais os prêmios são altos, mas é um concurso federal, e muitos se desanimam ao participar, porque o número de candidatos é grande".



Olga Mathion



Paulo Vieira



Yaci Camargo



Paulo Bevilaqua



Jorosil

Este, o
regulamento
do
Concurso de
Contos.

1 - o I Concurso de Contos de Jundiá, criado pela Editora Japi, proprietária do Jornal de 2a.-Feira, oferecerá 3 mil cruzeiros ao vencedor, 1.500 cruzeiros ao segundo colocado e 500 cruzeiros ao terceiro colocado, de acordo com o julgamento da Comissão a ser designada pela leitura e seleção dos textos;

2 - poderão concorrer todos os interessados, sem qualquer limite de idade, e sem qualquer outra distinção;

3 - os trabalhos enviados devem ser inéditos;

4 - os temas serão de escolha absolutamente livre dos concorrentes;

5 - todos os candidatos ao concurso deverão enviar seus trabalhos sob pseudônimo, em cinco vias, ao Jornal de 2a. Feira, rua Senador Fonseca, 1044, Jundiá, CEP 13.200. Em envelope à parte, fechado, deverão ser colocados o nome real, o pseudônimo, o endereço, dez linhas de dados pessoais,

6 - os trabalhos deverão ser datilografados em espaço duplo numa só face do papel, com uma média aproximada de 30 linhas de 70 toques por página;

7 - os trabalhos devem ter as seguintes dimensões: mínimo de 2 páginas datilografadas, máximo de 14;

8 - os três primeiros colocados serão publicados nas páginas do Jornal de 2a.; outros trabalhos, mesmo não premiados, poderão ser publicados, a critério da direção da Editora Japi;

9 - os trabalhos deverão ser entregues até o dia 15 de janeiro de 1977;

10 - os resultados do concurso serão divulgados num prazo não superior a dois meses a partir da data do encerramento do concurso; os prêmios serão entregues em data a ser fixada, e que será publicada pelo Jornal de 2a.-Feira;

11 - os casos omissos serão resolvidos pela direção da Editora Japi.